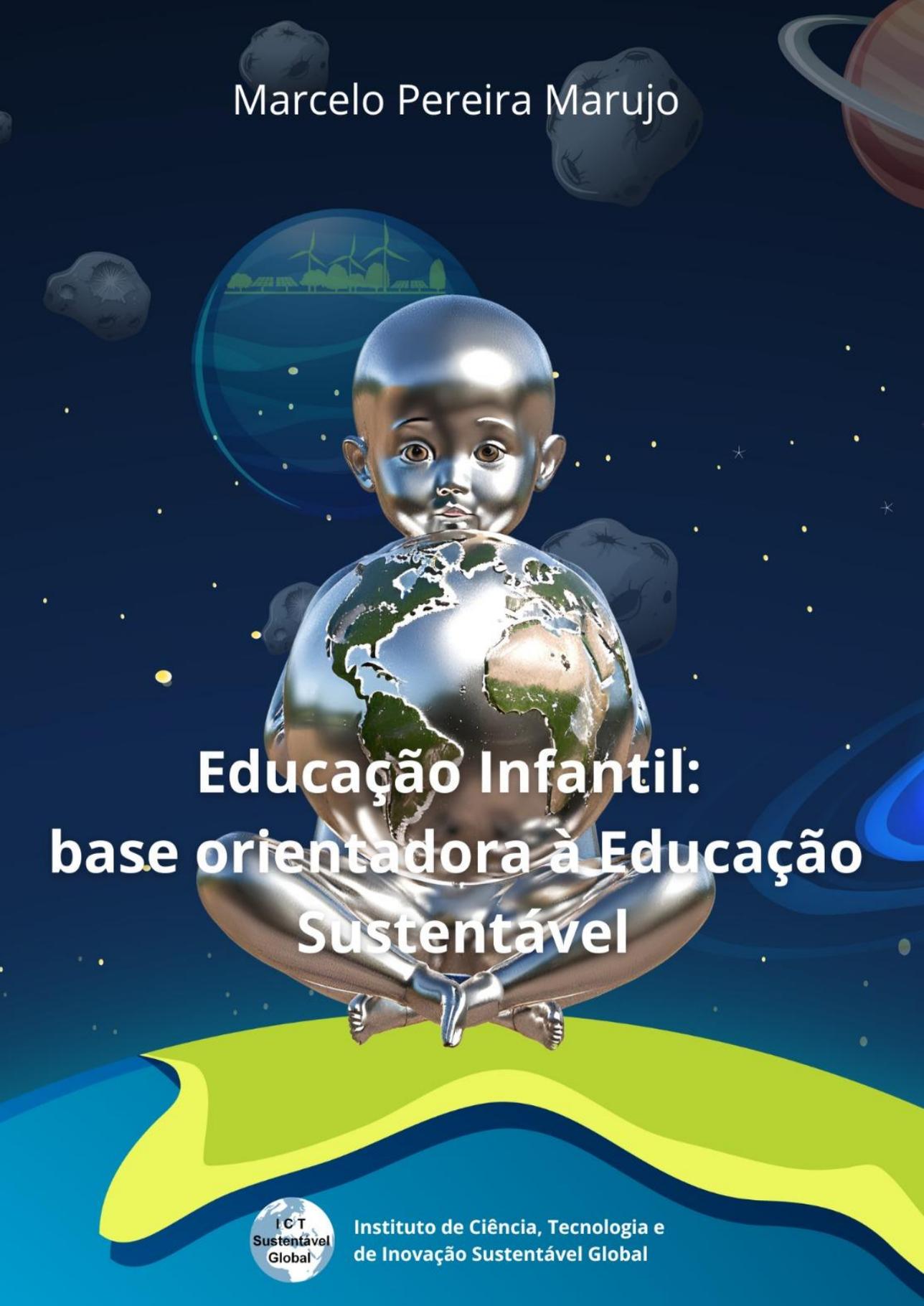


Marcelo Pereira Marujo



**Educação Infantil:
base orientadora à Educação
Sustentável**



Instituto de Ciência, Tecnologia e
de Inovação Sustentável Global

Marcelo Pereira Marujo

**Educação Infantil:
Base orientadora à Educação
Sustentável**

1ª Edição

Rio de Janeiro - Brasil

2024

Editora



ICT Sustentável Global

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, RJ, Brasil)**

M389r Marujo, Marcelo Pereira.
Educação Infantil: Base orientadora à Educação
Sustentável. 1ª edição. Rio de Janeiro: ICT
Sustentável Global, 2024.

162 p.; il.; 24 cm.

ISBN: 978-65-01-07210-4

Inclui Bibliografia.

1. Educação. 2. Educação Infantil. 3. Sustentabilidade.
I. Título. II. Marujo, Marcelo Pereira.

CDD 331.11

ISBN 978-65-01-07210-4



EBOOK - P

Sustentabilidade Humana é a nossa capacidade natural de ser, humano, de pensar e agir baseado no amor à vida empreendendo de forma harmônica, em total sintonia com o ambiente global para pensar e agir local, a integração das necessárias e complexas condicionantes contemporânea - política, social, econômica, ambiental e cultural – sempre com o objetivo de promover uma formação humana integral em prol da própria sustentabilidade humana, justo por possuir o poder de contribuir efetivamente para um ecossistema global mais justo, mais digno e melhor para tudo e para todos. (Marujo, 2022, p. 15)

Sumário

Apresentação	7
Introdução	9
1 Educação	16
2 Educação Infantil	22
3 Educação Sustentável	27
4 Perspectiva Histórico-Cultural	31
5 Corsaro e a Sociologia da Infância: Diálogo	35
6 Prout e a Sociologia da Infância: Diálogo	45
7 Geografia da Infância: Diálogo Geo local/global	49
8 Metodologia à Pesquisa Em Educação	56
9 Pesquisa Qualitativa em Educação: Diálogo com os Autores	62
9.1 Fundamentos da Investigação Qualitativa em Educação (Bogdan; Biklen, 2011)	65
9.2 Plano de Investigação	73

9.3	Trabalho de Campo	76
9.4	Dados Qualitativos	80
9.5	Análise de Dados	82
9.6	Redação da Investigação	84
9.7	Etnografia	86
9.8	Pesquisas de Casos	90
10	Temáticas Emergentes	93
10.1	Sistema de Gestão Integrada (SGI)	93
10.2	Sustentabilidade	98
10.3	Responsabilidade Socioambiental	103
11	Software de Gestão Sustentável para a Educação Infantil	107
12	Liderança: pensar e agir sustentável inovador à Educação	115
	Conclusão	147
	Tendências	150
	Referências	153

Apresentação

O ser humano é aquilo que a educação faz dele. (Kant)

Este livro é proveniente de uma pesquisa pela vida e para a vida em sua plenitude, ou seja, empreendida na Educação por ser compreendida como a base propulsora das sociedades e sua performance evolutiva precisa ser um imperativo para nossa sobrevivência com dignidade, especialmente, em se tratando da base da Educação, da Educação Infantil.

Esta obra está baseada em uma investigação supervisionada pela maestria extraordinária de Jader Janer, um verdadeiro encantador da infância a partir da Educação e de suas geografias e mapeamentos capazes de nortear todos os distintos contextos e suas especificidades, a partir do protagonismo das crianças.

Mesmo diante de toda esta complexidade, acrescentou-se ainda a emergente temática – sustentabilidade – como uma aliada desafiadora para prover a interação e a consequente apreensão dos variados olhares e a vozes, protagonizadoras, das crianças em sua efetiva ambiência artística e cultural, claro que a partir da experenciação necessária das crianças e para as crianças em prol da Educação, sobretudo enquanto cultura primordial para o seu desenvolvimento.

Nessa perspectiva, apresenta-se a gestão sustentável da educação para este nível de ensino como fator preponderante para se promover uma Educação Sustentável, a qual necessita ser pensada em nível estratégico para o desenvolvimento de uma formação infantil humanizadora e protagonista de uma educação idealizada pela criança e

para a criança e do desenvolvimento integral da educação, que por essência promove a responsabilidade socioambiental.

Ademais, esta pesquisa se tornou fundamental para se refletir e desenvolver um projeto de pesquisa financiado pela FAPERJ, que culminou na criação de um Software de Gestão Sustentável para a Educação Infantil, inclusive com registro efetivado no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI).

Ademais, convicto das condições imprescindíveis na contemporaneidade da democracia e da liderança como fontes primordiais para o constante desenvolvimento socioambiental, entende-se que o pensar para agir de forma sustentável inovadora passa ser um imperativo indispensável, em especial, para empreender uma educação capaz de corresponder proativamente às intensas demandas da sociedade do conhecimento.

Acredita-se que essas fontes sejam capazes de contribuir para se empreender uma Educação Infantil orientada pela sustentabilidade em suas dimensões – política, social, econômica, ambiental e cultural – como aliada estratégica para o desenvolvimento contínuo de uma Educação Sustentável.

Enfim, certamente uma educação sustentável promoverá uma formação humana integral, instituições aprendentes e sociedades mais justas, dignas e melhores para tudo e para todos.

Marcelo Pereira Marujo



Introdução

Toda realização é o ponto de partida de novos desejos.
(Schopenhauer)

Esta obra é fruto de um compromisso pessoal e profissional para com o desenvolvimento de uma cultura sustentável inovadora para todos. Certamente, tal condição se baseia em uma inquietação profissional, desde sempre, que é o descaso com uma educação de qualidade enquanto política de Estado, em especial, com a educação infantil.

Com o desejo de poder contribuir, mesmo isoladamente, em 2011 comecei a desenvolver um projeto de pesquisa para o Pós-Doutoramento, sob a Supervisão do Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes, na Universidade Federal Fluminense (UFF) – Rio de Janeiro – Brasil, justamente para conhecer a realidade de contextos da educação e suas operacionalizações pedagógicas e didáticas, especialmente, para melhor entender o sistema educacional infantil a fim de poder dar a necessária voz e vez às crianças e ao seu protagonismo.

Nessa direção, a partir do relatório produzido nesta supracitada pesquisa venho apresentar, após novas reflexões sobre a suscetível questão, novas alternativas orientadas pela sustentabilidade e inovação capazes de promover a responsabilidade socioambiental tão importante para lidar com as problemáticas globais na contemporaneidade.

Diante dessas condicionantes, com a intenção de interagir com esta tamanha complexidade sinaliza-se que a minha estratégia foi dialogar de forma dialógica e transcendental com distintas correntes filosóficas e autores (Prout, 2010; Corsaro, 2011; Lopes, 2012, Lopes;

Marujo, 2021; Vasconcellos, 2007 entre outros) que há tempos vêm demandando novas proposições, a partir do protagonismo infantil e outras importantes questões à vida humana, para o desenvolvimento de um processo formativo educacional integral possível de ratificar a importância de se repensar e redesenhar contextos mais consonantes às verdadeiras necessidades das crianças.

Entende-se que se tratar de mudanças, antes de quaisquer premissas, torna-se indispensável compreendê-las como aliadas fundamentais para o nosso desenvolvimento. Então, certamente a mudança é coisa séria e importante, por este motivo precisa ser compreendida como fator potencial para o desenvolvimento integral, ou seja, para a melhoria da formação pessoal, social, profissional em prol do institucional, dos mercados e das sociedades local e global

A mudança é uma coisa séria porque o objetivo é sempre o de melhorar a vida das pessoas. Mas, é igualmente complicada porque as crenças, os estilos de vida e o comportamento podem estar em conflito. Os indivíduos que tentam modificar a educação, quer seja numa dada sala de aula ou em todo o sistema educativo, raramente sabem o que pensam as pessoas envolvidas no processo. Consequentemente, são incapazes de antecipar com precisão a forma como os participantes irão reagir. Caso desejemos que a mudança seja efetiva, temos que compreender a forma como os indivíduos envolvidos entendem a sua situação, pois são eles que terão que viver com as mudanças. (Bogdan; Biklen, 2010, p. 265)

Para lidar com toda a volatilidade de informações da sociedade do conhecimento necessita-se romper com paradigmas; assim, compreender a necessidade de se orientar por um novo mindset sustentável inovador

torna-se uma imperativo estratégico, precipuamente, para se repensar e empreender uma educação de qualidade capaz de atender as demandas de uma cultura em constante evolução.

Este mindset sustentável inovador se converte em uma

mentalidade se apropria da sustentabilidade em suas dimensões – política, social, econômica, ambiental e cultural – e da inovação como fonte de habilidades que suscitam a contínua capacidade de criação para manter disruptivamente as novidades e sua prospecção. Enfim, acredita-se que este mindset sustentável inovador converte-se em um aliado estratégico e capaz de corresponder, proativamente, às indispensáveis responsabilidades e compromentimentos de todos para a melhoria do ecossistema global (Marujo, 2023).

Sob outro prisma, compreende que na investigação onde se tem como base norteadora a dimensão histórico-cultural de Vigotski e seus colaboradores em suas mais diversas obras, mormente por entender que os seres humanos apresentam uma relação mediada com o ambiente vivenciado, a partir da internalização de signos de seu entorno que serão gradativamente arranjados em um sistema simbólico interno para lidar, progressivamente melhor com o externo, pelo menos é o que se deseja (Vigotski, 1991).

Destarte, para o mesmo autor é dessa maneira que se busca a elaboração da percepção e conhecimento do mundo, o que torna possível a nossa operação mental sobre o mesmo; assim como, a elaboração de processos psicológicos superiores, [Os processos psicológicos superiores se constituem em ações consequentemente controladas, atenção voluntária, memorização ativa, pensamento abstrato e linguagem (Vigotski; Luria;

Leontiev, 1988)] típicos da espécie humana e relevantes para o empreendimento da cultura.

Nessa dimensão, o norteamento histórico-cultural da pesquisa coaduna-se ao protagonismo infantil para promover um maior conhecimento e, conseqüente, entendimento sobre as ideias e as necessidades das crianças para demandarem novas proposições para o sistema educacional.

Faz-se necessário registrar que a condição problêmica propulsora deste pesquisa converte-se na ausência do protagonismo infantil. Pois, sabe-se que apesar da comprovada suscetibilidade das crianças e, ainda, da ciência sobre expressivas pesquisas que também as ignoram e as relegam a uma condição secundária, novas investigações diante dessas realidades poderão contribuir mais para o desenvolvimento sustentável da educação, por conseguinte, da sociedade contemporânea.

Ademais, esta investigação também se tenciona a compor uma proposta à reflexão sobre a relação – educação – gestão – sustentabilidade – especialmente inerente às crianças na educação infantil e no ensino fundamental, mas e prol da educação, sempre com a finalidade de prover diagnósticos de como as instituições, em sua totalidade, vêm ou não, desenvolvendo-se e interagindo tais emergentes temáticas. Logo, considera-se esta uma condição favorável e necessária para o planejamento de novas investigações consonantes com tais proposições.

Doravante, apresenta-se nesta obra uma historicização sobre a educação e a educação infantil; conceituações e comentários sobre a dimensão histórico-cultural, a sociologia da infância, a geografia da

infância, metodologia e investigação qualitativa fundamentada precipuamente em Bogdan e Biklen (20102) e, ainda, categorias teóricas, como gestão, sustentabilidade, inovação e responsabilidade socioambiental para inter-relacionar com as variadas necessidades das crianças e para as crianças na educação infantil. Assim, evidencia-se o protagonismo das crianças para se empreender uma educação, essencialmente infantil para atender as suas próprias necessidades de mundo e para o mundo.

Sob este prisma, entende-se que esta referida pesquisa e suas bases conceituais e teóricas poderão contribuir para se repensar uma educação de maneira crítica, reflexiva e inventiva, a partir do protagonismo das crianças, porque é onde está a verdadeira essência, ainda sustentável em sua fonte e plenitude.

Registra-se também que houve a socialização de trabalhos científicos e projetos de pesquisa provenientes desta pesquisa e, principalmente, de todas as suas possibilidades de integrar diversos métodos de pesquisa, de forma que as atividades analíticas baseadas nas pesquisas bibliográfica e documental forma fundamentais para interagir melhor com o campo; assim tornando o pragmatismo uma condição progressiva às pesquisas participação, grupo focal e ação, as quais foram e são capazes de nos impulsionar num *continuum* para vivenciar, experienciadamente, todo o seu empreendimento para, de fato, favorecer o empreendimento da educação infantil às crianças.

Outrossim, sinaliza-se como necessidade o redimensionamento constante da nossa capacidade de lidar com temáticas suscetíveis que carecem de ser integradas e redesenhadas para atender as incertas

demandas do mundo globalizado, que está insustentável. Então, considera-se que a educação enquanto cultura e vice-versa precisa ser empreendida como um fator potencial à promoção de sociedades melhores para todos.

Afinal, o ambiente global e toda a sua organicidade e dinamismo evidencia a necessidade de se pensar orientados por uma visão sistêmica, complexa, sustentável e inovadora, assim convertendo-se em uma unidade estratégica capaz de impulsionar a nossa forma de pensar para agir mais responsiva e proativamente para atender as demandas da sociedade contemporânea.



1. Educação

Não se pode falar de educação sem amor. A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. (Paulo Freire)

Sem medo de ser feliz e muito menos sem receio de críticas é que venho progressivamente envidando esforços para contribuir para o desenvolvimento de uma educação de qualidade, justamente, por considerar a sua imprescindibilidade e significância à vida.

A educação é essencial à formação humana e socioambiental. A educação enquanto cultura é sustentável, mas está insustentável nos dias atuais, justo por depender da integração de um sistema que vem privilegiando o desenvolvimento de sociedades que se baseiam em políticas de governo, as quais no mundo capitalista se direcionam pelo “ter e não pelo ser”.

A educação precisa ser pensada enquanto condicionante estratégica para a formação do ser humano integral, do homem capaz de promover a cultura na perspectiva da sustentabilidade em suas dimensões: política, social, econômica, ambiental e cultural.

Pois, entende-se que são as crianças os verdadeiros agentes estratégicos às transformações, onde a cultura da educação – educação formal, educação não formal e educação informal, educação corporativa, educação digital e educação da vida – se empreenderá com a essência e pureza humanizadora comum das crianças.

Colaboração peculiar entre a criança e o adulto, que é o momento central no processo de formação (ou educação) e, ainda, quando os conhecimentos são passados para a criança num determinado sistema, explica-se o amadurecimento antecipado dos conceitos científicos e, também, que o nível de desenvolvimento desses destaca-se como zona de possibilidades iminentes em relação aos conceitos cotidianos, percorrendo com esse nível o mesmo caminho e sendo, de certa forma, um tipo de propedêutica de desenvolvimento dos conceitos cotidianos (Vigotski, 2001, p. 175).

Numa visão filosófica socrática, a educação tem por objetivo imediato o desenvolvimento da capacidade de pensar, não apenas ministrar conhecimentos. Para tanto, o que se busca nesta investigação é mostrar a capacidade emoldurada que somente fica no discurso e não nas práticas cotidianas desenvolvidas na educação formal e, em especial, apresentar também novas estratégias para se redimensionar o processo formativo das crianças a partir das próprias crianças.

Acredita-se que a função atual da escola é ensinar a pensar, mas proporcionar liberdade para tal e, sobretudo, mostrar a força e a importância do pensamento com fator norteador das atitudes e, conseqüentemente, das ações cada vez mais interdependentes de todas as partes.

Em uma perspectiva histórico-cultural, a educação constitui-se numa condição relevante à consolidação da sociedade, pois proporciona a construção da unidade cultural para o seu constante desenvolvimento.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Brasil, 2007, p. 15)

Pois, tem-se por certo que a educação é a base necessária e orientadora da sociedade; portanto, sempre se mostrou como expressiva base para o empreendimento de políticas sociais, econômicas e ambientais favoráveis para o desenvolvimento da sociedade contemporânea.

Nada mais verdadeiro do que afirmar que o processo educacional tem um significado imprescindível para o desenvolvimento do ser humano, tanto no passado, como no mundo atual. A educação traz ao homem avanços significativos, no sentido da garantia de um futuro melhor para todos (Vianna, 2006, p. 129)

O ser humano é fruto do processo vivenciado em certos contextos culturais. Assim, os variados supracitados contextos, especialmente, os formal, não formal e informal influenciam no processo de formação no concernente à construção de competências, habilidades, atitudes, valores e ética para o seu desenvolvimento na vida pessoal, social e profissional, sobretudo, em prol da evolução institucional.

O homem não nasceu humano, mas se tornou humano num constante processo de aprendizado, marcado por evoluções, adaptações e construção cultural. A educação contribuirá com a “aprendizagem da compreensão e da lucidez” e na “mobilização de todas as aptidões humanas” (Morin, 2002, p. 56).

A partir do século XVI, iniciam-se as descobertas científicas sobre a capacidade da população aumentar seu tempo de vida. E foi também nesse mesmo período que se materializou a representação das crianças como ingênuas e inocentes. No que concerne ao processo formativo integral, este sempre foi entendido como importante à formação da pessoa e, conseqüentemente, à prospecção da sociedade.

Porém, somente a partir do século XVII esta condição formativa também se amplia para a educação infantil. Para Ariés (1973), a análise da produção existente sobre a história da infância proporciona corroborar que a preocupação com a criança encontra-se presente somente a partir do século XIX, tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo. Entretanto, mesmo a infância constituindo-se em um problema social desde o século XIX, ainda não foi suficiente para torná-la um problema de investigação científica.

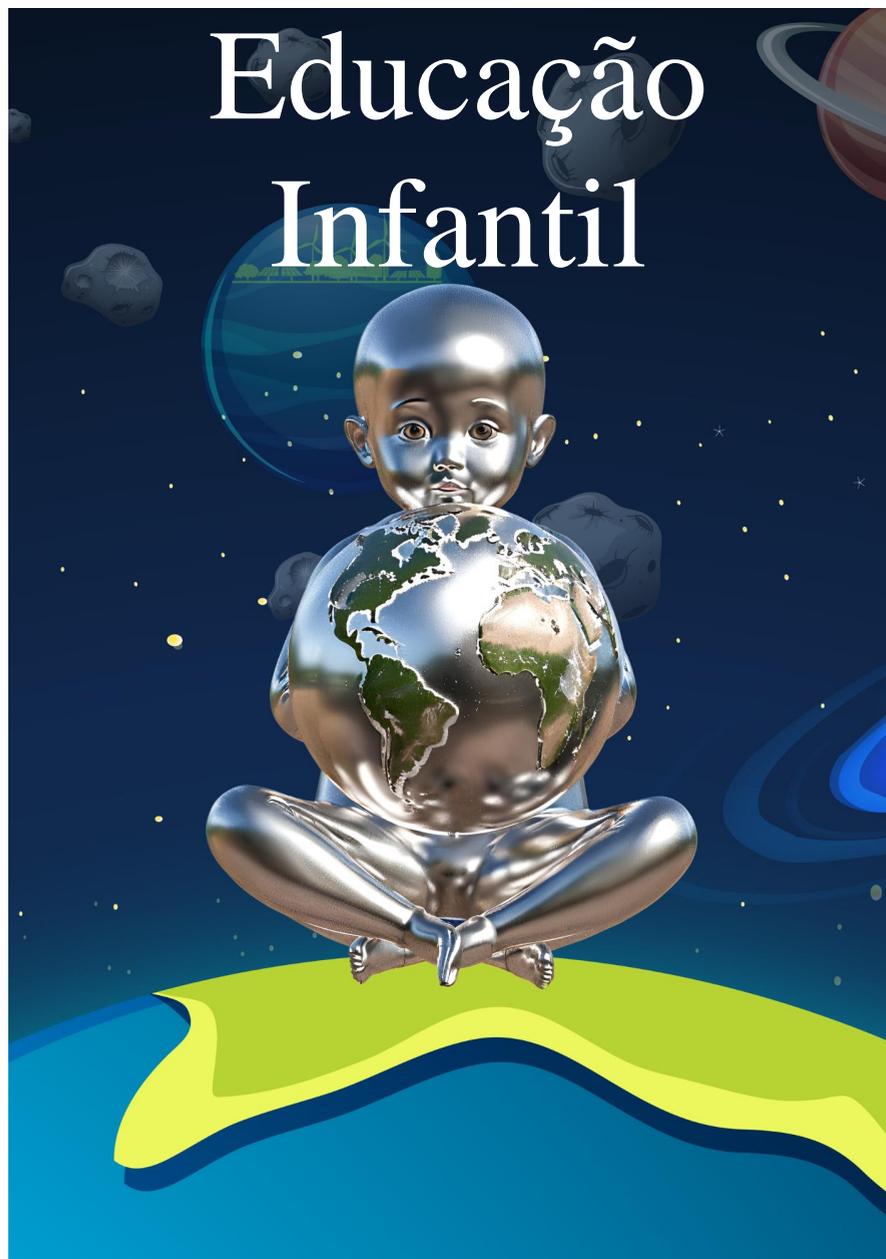
Tais problemáticas inerentes às investigações científicas, para o mesmo autor, fez com que as crianças passassem da fase de pequeninos desprotegidos para adultos interativos para com as realidades sociais desta fase, como: atividades laborais e jogos/lúdicas.

Nessa dimensão, há tempos estudos apontam que até o início da década de 60 a história da infância e a história da educação pareciam ser dois campos distintos e inconciliáveis de pesquisa (Ariés, 1973).

Então, pôde se observar que a educação infantil nos séculos passados inicia o seu processo de transição do assistencialismo para a condição de base necessária para a formação humana. No entanto, somente mais recentemente, no final do século XX, vem-se buscando o

protagonismo das crianças; logo, privilegiando e demandando a sua importância necessária para a educação e para o desenvolvimento da sociedade.

Nesta pesquisa, não ampliaremos e aprofundaremos os comentários sobre a temática – educação e suas trajetórias relativas à infância - diante de suas imensuráveis fontes de informações; contudo, sinalizasse que tal condição não pretende extinguir às reflexões.



2. Educação Infantil

A criança tornar-se-á capaz de realizar de forma independente, amanhã, aquilo que, hoje, ela sabe fazer com a colaboração e a orientação. Isso significa que, quando verificamos as possibilidades da criança ao longo de um trabalho em colaboração, denominamos com isso também o campo das funções intelectuais em amadurecimento devem dar frutos e, conseqüentemente, transferirem-se para o nível de desenvolvimento mental da criança. (Vigotski, 2001, p. 32)

Esta epígrafe contempla uma das principais características da educação infantil. Dessa maneira, mostra-se em consonância com Rousseau, que a verdadeira finalidade da educação é ensinar a criança a viver e a aprender a exercer a liberdade. Pois, desde a sua ação no século XVII, quando prevalecia a situação assistencialista, onde as crianças eram consideradas fracas e incapazes até a atual condição de favorecer e ser fundamental à melhoria da performance evolutiva do ser humano.

No século XVIII foi evidenciada a questão da educação infantil ser desenvolvida para crianças e não para pequenos homens adultos. Esta foi uma condicionante expressiva que se deu pelo fato de se ter entendido, ao menos parcialmente inclusive nos dias atuais, que a criança vivencia um mundo próprio, situação que deveria ser melhor entendida pelos adultos. Pois, segundo Prout (2012, p. 740) “não é necessário separar arbitrariamente as crianças dos adultos, como se fossem espécies de ser diferentes”.

No século XIX, a atividade infantil desponta como aliada ao desenvolvimento das crianças. Condição empreendida por Fröebel a

partir dos brinquedos e das atividades lúdicas como fator ativo no processo de desenvolvimento da capacidade cognitiva e de maior socialização das crianças (Almeida, 2002).

Não muito diferente no século XX, a concepção da assistência científica, em consonância com as propostas das instituições de educação popular, já previa que o atendimento da pobreza não seria feito com grandes investimentos. "A educação assistencialista promovia uma pedagogia da submissão, que pretendia preparar os pobres para aceitar a exploração social" (Kuhlmann, 2000, p. 8).

As instituições de educação infantil tanto eram propostas como meio agregador da família para apaziguar os conflitos sociais, quanto eram vistas como meio de educação para uma sociedade igualitária, como instrumento para a libertação da mulher do jugo das obrigações domésticas, como superação dos limites da estrutura familiar.

As ideias socialistas e feministas, nesse caso, redirecionavam a questão do atendimento à pobreza para se pensar a educação da criança em equipamentos coletivos, como uma forma de se garantir às mães o direito ao trabalho. A luta pela pré-escola pública, democrática e popular se confundia com a luta pela transformação política e social mais ampla. (Kuhlmann, 2000, p. 10)

Sob outro prisma, faz-se necessário evidenciar a relevância deste nível de ensino como favorável à formação integral da pessoa, para tanto carecendo de políticas específicas e, especialmente, que os seus principais atores (as crianças) sejam os protagonistas, diante de suas

próprias necessidades, para a desenvoltura do contexto educacional e consequentemente social mais consonante para com as novidades da aldeia global.

Dessa forma, a educação infantil deveria estar priorizando mais os reais interesses, necessidades e desejos das crianças, porquanto entender que estas são capazes de interferirem, sim, no meio em que vivem.

Nos anos 80, os cientistas sociais demonstram insatisfação sobre como se tem estudado a infância. No âmbito da psicologia, por exemplo, a crítica centra-se no conceito de desenvolvimento ao tratar a criança como um fenômeno universal e biológico, excluindo-se as dimensões sociais e históricas que auxiliam na constituição da infância. (Prout, 2002, p. 742)

Nessa perspectiva, entende-se que a condição de se promover uma educação infantil mais responsivas às necessidades crianças, de fato e de direito, deve ser da criança e para a criança nos seus distintos contextos sociais. Pois, assim ratifica-se que tal condição propicia às instituições de ensino infantil confirmarem a origem do seu processo de construção: social e histórica.

Outrossim, o marco legal constitucional e também legal por intermédio de diversas leis educacionais (federal, estadual e municipal) vem favorecendo o desenvolvimento da educação infantil.

Contudo, as necessidades das crianças ainda carecem de mais atenção a fim de nortear, realmente, o seu próprio processo de desenvolvimento formativo intrínseco à educação infantil. Em consonância com Prout (2010, p. 731) “tanto crianças como adultos

deveriam ser vistos através de uma multiplicidade de devires, nos quais todos são incompletos e dependentes”.

Nesse dimensionamento, busca-se evidenciar o protagonismo das crianças como condicionantes necessárias, embora talvez não suficientes para demandarem novas proposições mais orgânicas, dinâmicas e proativas, sempre com a finalidade de prever e prover o desenvolvimento da educação infantil de maneira mais inter-relacionada com as iminentes demandas da sociedade global.



3. Educação Sustentável

Há apenas uma maneira de evitar críticas: não faça nada, não diga nada, e não seja nada. (Aristóteles)

Educação Sustentável é a sinergia potencial empreendedora da sustentabilidade em suas dimensões - política, social, econômica, ambiental e cultural - como fator estratégico à formação integral do ser humano para protagonizar o desenvolvimento contínuo do sistema educacional, em prol da melhoria do ecossistema global.

Na sociedade do conhecimento cada vez mais se faz necessário promover a integralização das nossas ações humanizadoras, as quais favoreçam a melhor convivência para se repensar a nossa sobrevivência de forma mais responsável e comprometida com as intensas demandas do mundo globalizado.

Nessa perspectiva, humanizar, sustentabilizar e inovar torna-se uma condição estratégica para o desenvolvimento humano integral – pessoal, social e profissional – orientado pela expressiva e emergente temática sustentabilidade capaz de empreender um pensar e, conseqüentemente, um agir fundamentado na sustentabilidade; assim como, na inovação enquanto disrupção aliada à performance humana evolutiva, das instituições socioambientais aprendentes e das sociedades local e global mais justas, mais dignas e melhores para tudo e para todos.

A educação sustentável precisa no mundo das tecnologias, comunicação e informação (TIC) se apropriar desta condição como aliada para tornar o sistema educacional mais orgânico e dinamizador, sobretudo para impulsionar todo processo de formação, capacitação e

qualificação humana, sempre na busca do desenvolvimento institucional, dos mercados, das sociedades a fim de favorecer a evolução do planeta.

No mundo orientado pelo capital onde as pessoas estão desorientadas pelas instabilidades dos mercados, assim como em constantes inquietações com o desenvolvimento das tecnologias faz-se necessário compreender o quanto o ser humano, integrando proativamente a sustentabilidade e a inovação, torna-se mais prospectivo e capaz de redesenhar uma educação e seu protagonismo com todos e para todos.

A educação e sua plenitude, da educação infantil à educação superior, em se tratando de educação formal, não excluindo as suas demais variantes – educação não formal, educação informal e educação corporativa – precisa ser empreendida como fator primordial para atender as gerações presente e futura.

Nessa dimensão geracional é que a criança na educação infantil passa a ser um potencial estratégico.

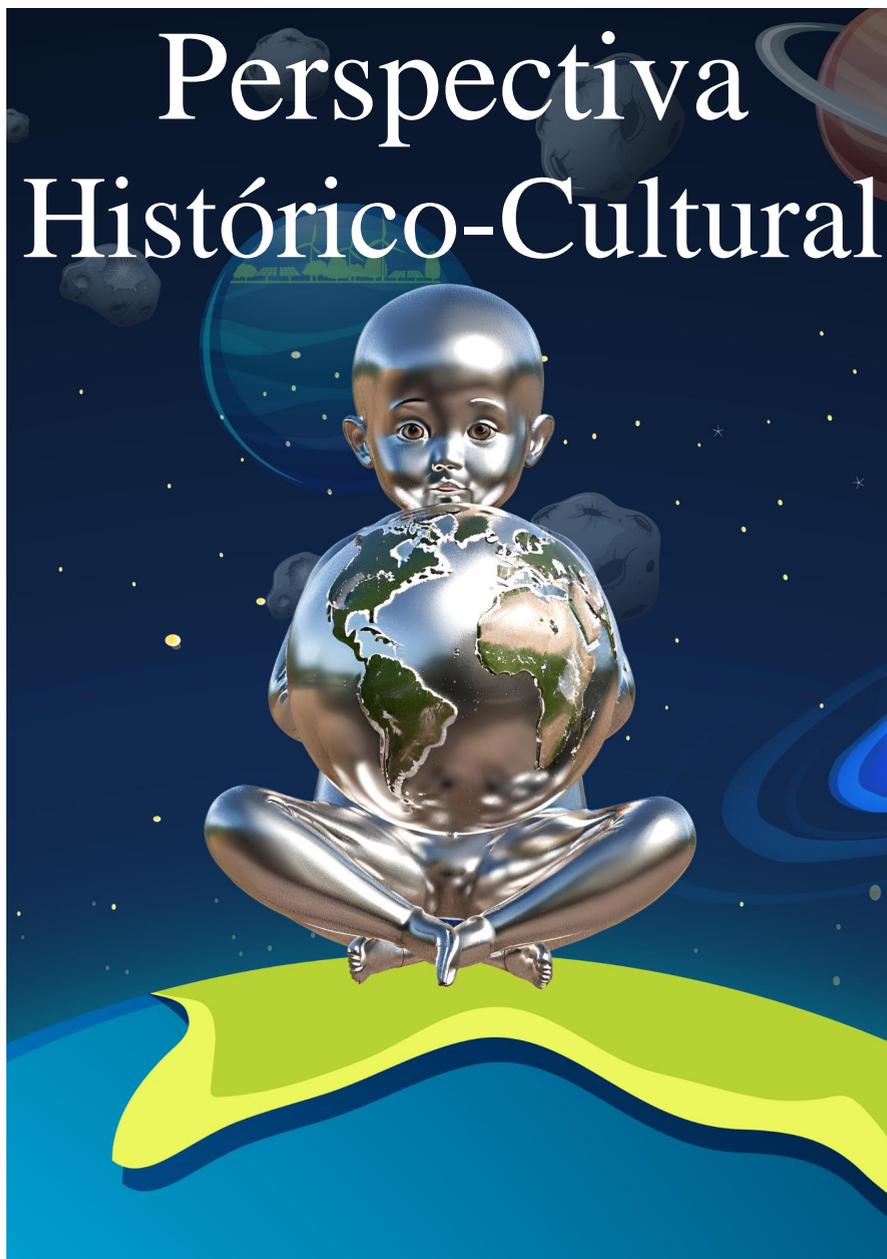
A criança tornar-se-á capaz de realizar de forma independente, amanhã, aquilo que, hoje, ela sabe fazer com a colaboração e a orientação. Isso significa que, quando verificamos as possibilidades da criança ao longo de um trabalho em colaboração, denominamos com isso também o campo das funções intelectuais em amadurecimento devem dar frutos e, conseqüentemente, transferirem-se para o nível de desenvolvimento mental da criança. (Vigotski, 2001, p. 32)

A criança em essência e pureza da natureza humana é, por si só, sustentável. Então, por certo são as crianças que deverão ser as

protagonistas dos processos de reconstrução de uma educação de base – educação infantil – tão importante para o empreendimento da educação. Pois, tais condições corroboram a proposição de Sêneca: “A educação exige os maiores cuidados, porque influi sobre toda a vida”.

Ademais, cabe salientar que apenas com a humanização da educação em sua essência conseguiremos a conversão para uma educação baseada na sustentabilidade e na inovação, porque o seu principal agente de transformação carece de pensá-la para desenvolvê-la efetivamente nessa perspectiva: sustentável inovadora.

Finalmente, a educação sustentável se converte em uma ação potencial contemporânea que se inicia com a estratégica promoção da sensibilização para a possível conscientização sobre a sustentabilidade capaz de contribuir para a mudança do pensamento, orientador das ações alicerçadas em suas dimensões - política, social, econômica, ambiental e cultural - e pela inovação do pensamento, enquanto disrupção indispensável à contínua formação humana, das instituições educacionais na busca de sociedades que valoram o ser humano e ambiente em sua totalidade.



4. Perspectiva Histórico-Cultural

A ciência é uma atividade estritamente humana. Suas criações refletem a busca por respostas a questões apresentadas num determinado período de tempo. Existe uma relação íntima entre o contexto histórico e a elaboração de teorias. Seria impossível avaliar o desenvolvimento de um pensamento fora do tempo, fora dos fatos. (Prestes, 2012, p. 9)

A perspectiva histórico-cultural, criada por Vigotski e colaboradores, surge de sua inquietação com o desenvolvimento cultural. Logo, sensibilizado com tal condição inicia os seus estudos sobre as crianças e foi através dessas investigações que começou a compreender o comportamento humano.

Os postulados básicos da teoria de Vygotsky dão destaque à mudança em quatro planos genéticos de desenvolvimento, como pode ser observado na sequência: filogênico (desenvolvimento das espécies), histórico (história dos seres humanos), ontogênico (história individual da espécie humana, neste caso, especificamente, das crianças) e microgenético (desenvolvimento de processos psicológicos particulares). Tais níveis proporcionam a possibilidade da teoria do desenvolvimento humano ser elaborada de maneira mais consistente.

Sinaliza-se que os referidos níveis foram por Vigotski considerados na proposição de suas teorias, na escola histórico-cultural. Portanto, a sua aplicação ao problema do desenvolvimento cognitivo e da escolarização formal, favoreceu uma melhor compreensão.

A necessidade do estudo da criança reside no fato de ela estar no centro da pré-história do desenvolvimento cultural devido ao surgimento do uso de instrumentos da fala. (Vigotski, 1991, p. 15)

Foi a partir dessa situação que Vigotski começa a dedicar-se ao estudo da “pedologia” (Estudo sistemático da vida e do desenvolvimento das crianças (do grego). A pedologia criada nos Estados Unidos ganha maior força em 1917 no Instituto Psiconeurológico da Rússia e seu fundador foi Vladimir Bekhterev, que mais tarde deslocou-se para o Instituto Psicopedológico. O interesse da pedologia é estudar, cientificamente, o desenvolvimento das crianças ligadas à educação. Por volta da década de 20 e meados da década de 30, a pedologia tornou-se uma teoria muito forte na URSS, baseada nos estudos dos melhores psicólogos da época, sendo Vigotski um deles. Vigotski, particularmente, visava estudar o desenvolvimento infantil como um meio de observar a construção de um “novo homem” com bases na reestruturação social). Vigotski utiliza o supracitado termo para relacioná-lo à maturidade e ao grau de desenvolvimento das crianças com base na (re)construção da sociedade.

Além do mais, a proposta vigotskiana buscava a integração dos termos da pedologia à ciência. Assim, tinha a intenção de codificá-los para o entendimento do desenvolvimento infantil, demonstrando que as supostas interferências históricas e culturais tinham influencia no processo de aprendizado da criança (Vigotski, 2010).

Numa ótica semelhante, o estudo das crianças e da infância mostra que psicólogos e sociólogos tem situado suas pesquisas no contexto sócio-cultural.

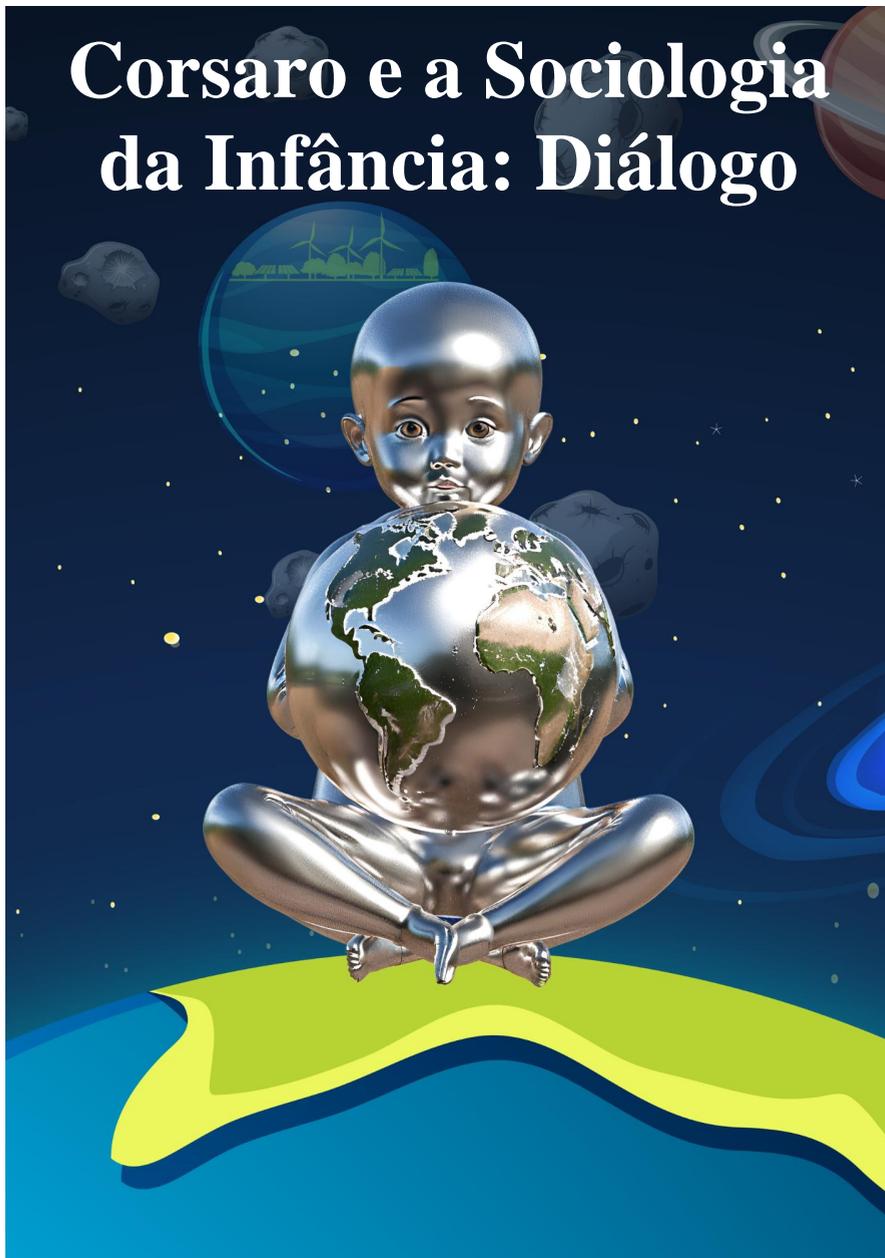
Entretanto, essas pesquisas ainda carecerem de melhorias, pois se mostram muito tímidas sobre estudos transculturais de crianças, os quais favorecem somente o desenvolvimento infantil individual na sociedade (Corsaro, 2011).

Portanto, para Corsaro (2011, p. 74) “uma nova sociologia da criança tem que corrigir essa tendência. Precisamos situar nossa noção teórica de reprodução interpretativa nos contextos cultural e histórico”.

Retomando-se a concepção histórico-cultural compreende-se que esta corrente vigotskiana torna-se uma condição relevante para o desenvolvimento de investigações sobre as crianças. Pois, esta perspectiva deve tornar-se condição orientadora para o desenvolvimento das investigações sobre o protagonismo infantil, principalmente por prover o redimensionamento de contextos específicos, respeitando as suas respectivas características e peculiaridades.

Enfim, parafraseando Prout (2010) que considera que o ser humano, e as crianças aqui se incluem, são seres biológicos e socialmente inacabados. Sendo assim, entender a formação como processo contínuo torna-se fundamental para se redimensionar condições mais propícias ao cidadão e, conseqüentemente, ao desenvolvimento da sociedade. Dessa forma, as propostas para tal independem de ser demandada, tanto pelas crianças quanto pelos adultos; assim, ratifica-se a importância do protagonismo infantil.

Corsaro e a Sociologia da Infância: Diálogo



5. Corsaro e a Sociologia da Infância: Diálogo

As teorias sociológicas da infância devem se libertar da doutrina individualista que considera o desenvolvimento social infantil unicamente como a internalização isolada dos conhecimentos e habilidades de adultos pela criança. Numa perspectiva sociológica, a socialização não é só uma questão de adaptação e internalização, mas também um processo de apropriação, reinvenção e reprodução. O que é fundamental para essa visão de socialização é o reconhecimento da importância da atividade coletiva e conjunta – como as crianças negociam, compartilham e criam cultura com adultos e entre si. (Corsaro, 2011, p. 31)

Neste tópico prover-se-á uma interlocução com William Corsaro, autor do clássico livro – *Sociologia da Infância* – que compreende ideias e experiências variadas sobre a infância em distintos contextos local/global e o seu protagonismo.

Um dos fatores interessantes sobre o referido autor é sua criatividade e ousadia na construção de metodologias às pesquisas sobre as crianças. Outro fator relevante digno de registro é a transculturalidade intrínseca na sua obra.

A sociologia da infância, há tempos, vem buscando o protagonismo da criança. Esta condição de dar voz às crianças, em vez e proporcioná-las voz a partir das ideias dos adultos, vem cada vez mais sendo entendida como aliada ao real desenvolvimento da criança e que, indubitavelmente, é converte-se numa condição bastante importante para se (re)pensar e (re)construir a sociedade, a partir de sua base fundamental: das crianças no processo educacional.

Segundo Corsaro (2011) nas últimas décadas vêm surgindo novas maneiras de conceitualizar as crianças na sociologia, em também novas perspectivas teóricas, como: interpretativas e construtivistas.

Quando aplicadas à sociologia da infância, as perspectivas interpretativas e construtivistas argumentam que as crianças, assim como os adultos, são participantes ativos na construção social da infância e na reprodução interpretativa de sua cultura compartilhada. Em contraste as teorias tradicionais veem as crianças como “consumidores” da cultura estabelecida por adultos. (Corsaro, 2011, p. 19)

O trabalho teórico da socialização influencia consideravelmente o pensamento sociológico sobre crianças e infância; logo, as crianças se adaptam e internalizam a sociedade por intermédio desse processo. Para Corsaro (2011, p. 19) “a maioria focalizava a sociedade inicial na família, que vê a criança como internalização da sociedade”.

O mesmo autor no que concerne às teorias tradicionais da socialização propõe distintos modelos, como: determinista e construtivista (Corsaro, 2011, p. 19):

Modelo Determinista: a criança desempenha basicamente um papel passivo. Nessa vertente a criança é simultaneamente uma “iniciante” com potencial para contribuir para a manutenção da sociedade e uma “ameaça indomada”, que deve ser controlada por meio de treinamento cuidadoso.

Modelo Construtivista: a criança é vista como agente ativo e um ávido aprendiz. Sob essa perspectiva, a criança constrói ativamente seu mundo social e seu lugar nele.

O sociólogo Qvortrup (1991, 1993a, 1993b, 1994a, 1994b) delineou uma perspectiva estrutural para o estudo da infância.

A abordagem baseia-se em três pressupostos centrais:

- 1) a infância constitui uma determinada forma estrutural;
- 2) a infância é exposta às mesmas forças sociais que a idade adulta;
- 3) as crianças são coconstrutoras da infância e da sociedade (Corsaro, 2011, p. 41).

Para Corsaro (2011), a própria cultura de pares das crianças é produzida a partir da apropriação criativa das diferentes informações que orientam e promovem o desenvolvimento do mundo dos adultos.

As crianças se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para produzir suas próprias culturas de pares. Tal apropriação é criativa no sentido de que entende ou desenvolve a cultura de pares; as crianças transformam as informações do mundo adulto a fim de responder às preocupações de seu mundo. (Corsaro, 2011, p. 53)

A “cultura de pares”, expressão já consagrada, é utilizada nesta investigação especialmente para se coadunar com a concepção contemporânea de sustentabilidade e responsabilidade socioambiental. Pois, acredita-se que sua relação com a produção das culturais locais são importantes produções factíveis de compartilhamento global, fator que proporciona o desenvolvimento extremamente inter-relacionado à sustentabilidade, quando do seu conceito de provimento às gerações presente e futuras.

Uma mudança importante na vida das crianças é sua movimentação fora do âmbito familiar. Como vimos, o tempo das crianças e a natureza da passagem das crianças da família para uma sociedade de pares

variam ao longo do tempo e entre culturas (Corsaro, 2011, p. 127)

Uma das condições que motivaram esta pesquisa foi justamente a necessidade de tentar entender, a partir de proposições metodológicas inovadoras, como acontece e/ou não esta transição de informações que orientam a sociedade atual.

Cultura infantil não é algo em que as crianças pensam constantemente para orientar seu comportamento. A cultura de pares é pública, coletiva e performática (Geertz, 1973; Goffman, 1974). Esta condição nos proporcionou no desenvolvimento da pesquisa integrar todos os atores da sociedade, naquele momento, envolvidos diretamente no processo formativo, porquanto entender as suas respectivas influências na personalidade e na formação.

Para Corsaro (2003) e Corsaro e Eder (1990) a cultura de pares é um “conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças compartilham em interação com as demais”.

As famílias desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da cultura de pares na reprodução interpretativa. Crianças pequenas não experimentam individualmente as informações do mundo adulto; em vez disso, elas participam de rotinas culturais nas quais a informação é primeiro mediada por adultos. (Corsaro, 2011, p. 130)

Para Corsaro (2011) a conceituação de culturas de pares pode ser compreendida também como subculturas gerais de ma sociedade mais ampla, condição que vem corroborando a expressividade das temáticas

orientadoras desta investigação, onde se busca conhecer o protagonismo infantil como condição capaz de demandar novas políticas educacionais sustentáveis.

A apresentação da cultura se dá pelas distintas formas de educação – formal, não formal e informal – condições que devem ser levadas em conta quando do momento de orientar o seu processo formativo, não diferente dos momentos de apreensão do seu pensamento através das mais variadas estratégias de acesso.

Fator muito relevante na investigação e que se integra à essência desta pesquisa é o desejo de conquista de autonomia em relação às regras e autoridade dos adultos em obter o controle da vida das crianças (Corsaro, 2011).

Para tanto, conhecer o que as crianças pensam sobre a gestão sustentável passa a ser uma condição de serem os verdadeiros propositores de novas políticas à instituição/organização.

O próprio Vigotski (1978) defende que a

A própria organização e coordenação do jogo demanda atenção às regras da vida real, além da invenção de novas regras, que definem e redefinem o comportamento de personagens imaginários como monstros, fadas e fantasmas (p. 95).

Situação que diretamente, por analogia, pode ser constatada com as normatizações arrojadas peculiares das instituições de ensino, as quais limitam o senso de criatividade, criticidade e reflexão das crianças.

Numa outra ótica, Corsaro (2011) apresenta uma interessante dicotomia da criança e o problema social. Nesta interessante preocupação

mostra o quanto às crianças ficam alheias às suas próprias necessidades, porque seus reais interesses e necessidades não são objetos de reflexão.

Ainda, observa-se que muitas vezes as crianças não são vistas como adultos capazes de criarem e desenvolverem normas sociais em contextos variados e muita das vezes nos seus próprios contextos; embora, são vistas como não merecedoras de respeito necessário para tal.

Nesse momento, ressalta-se a importância da criação de Corsaro (2011) de três tipos de mudanças nas estruturas familiares que afetam as crianças, como (p. 256):

- 1) o aumento de famílias nas quais ambos os pais trabalham;
- 2) o crescimento drástico do número de divórcios;
- 3) o crescente número de famílias monoparentais.

Esta é uma situação que atualmente é converte-se numa variável considerável nos estudos sobre o comportamento e o desenvolvimento das crianças em todas as esferas socioambientais e que realmente vem se mostrando digna de reflexões e inquietações.

Não diferente do Brasil, mas certamente em situações melhores, a insustentabilidade econômica/financeira e a menor formação também é o que caracteriza a representação do professorado da educação infantil no mundo. Assim, mostra-se a falta de responsabilidade social para com os formadores dos futuros profissionais de todas as áreas da sociedade.

A sustentabilidade, em sua dimensão econômica afeta o desenvolvimento da educação mediante a carência de estratégias e investimentos, como argumenta Corsaro (2011, p. 276) sobre a “redefinição das prioridades que equilibram os custos de curto prazo com os benefícios de longo prazo é necessária ao lidar com essa questão”.

Logo, esta se converte numa condição fundamental para o desenvolvimento sustentável da sociedade.

Ademais, muito preocupante é a constatação da quase total ausência de integração das crianças em estudos econômicos, embora realizado à duas décadas. Pois, há a confirmação de que “a maioria dos estudos sobre crescimento econômico e sobre qualidade física da vida ignorou as crianças ou as tratou como variáveis sem rosto” (Brasdashw, 1993 apud Corsaro, 2011, p, 281).

Portanto, como falar de responsabilidade socioambiental às administrações (públicas e privadas; nacionais e internacionais)?

Da mesma forma, outra condição extremamente preocupante, totalmente associada à sustentabilidade, mas à sua carência, ou seja, à insustentabilidade, é a condição diametralmente oposta sobre a pobreza que Corsaro (2011, p. 287) evidencia em sua pesquisa:

a pobreza das crianças varia de acordo com as nações ricas. A nação mais rica do mundo, os Estados Unidos, possui uma das mais altas taxas de pobreza. Pior ainda, apesar da crescente consciência do problema, a proporção de crianças vivendo na pobreza está crescendo. (p. 287)

Diante do atual cenário mundial, em relação ao Brasil esta se torna uma questão muito preocupante pelo motivo do Brasil estar despontando no cenário global como nação em total expansão social, econômica e ambiental.

Em contextos de pobreza também ocorre o problema do envolvimento com a violência e a criminalidade, situação peculiar desses contextos e que muito os problematizam.

Interessante, ainda é a posição de Corsaro (2011, p. 317) no que se refere a já existência de “políticas claras que podemos seguir para melhorar a qualidade da educação infantil”.

Pois, pode-se citar o documento global da UNESCO/ONU sobre a Década das Nações Unidas da Educação para o desenvolvimento Sustentável (2005-2014), o qual é pouco conhecido.

Uma estratégia que pode ser uma alternativa para alavancar as políticas educacionais é a promoção de uma maior governança local (municipal/estadual/nacional) sobre integração ativa e interdependente dos setores da sociedade, como: o 1º setor (governos/administrações públicas), o 2º setor (empresas) e o 3º setor (ONG’s, fundações e associações), juntas com os mesmos objetivos, a promoção da responsabilidade socioambiental.

Diante das condições empreendidas pelos referidos setores em busca de uma maior integração, condição esta que deveria ser necessária e desenvolvida através de uma governança local e/ou global, a qual seria fundamental para se converter em alternativas favoráveis à prospecção de políticas públicas promotoras de maior equidade.

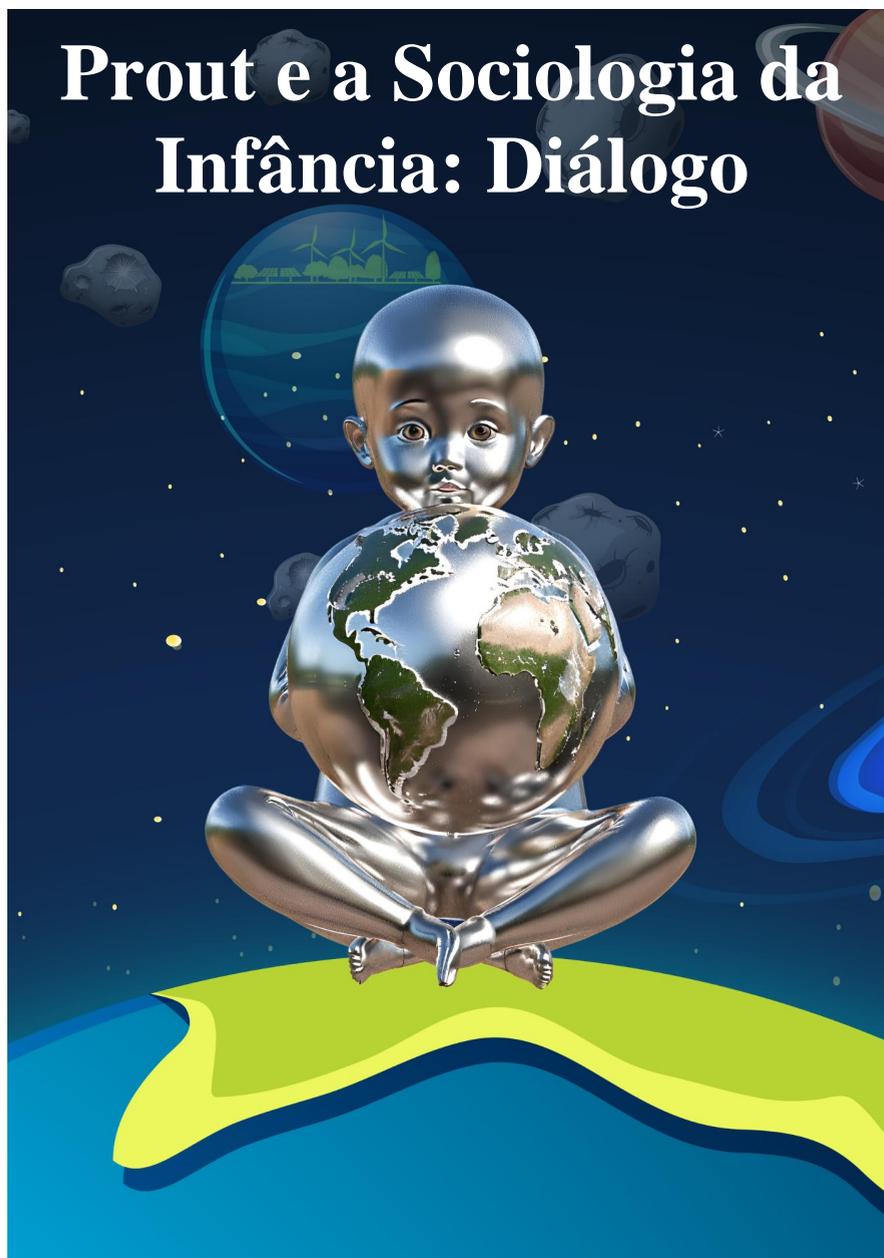
Nessa perspectiva, uma variável relevante para o desenvolvimento das crianças são os investimentos, conforme propõe Corsaro (2011) no bem-estar econômico, físico e social das crianças.

É claro que investimentos a curto prazo, embora dispendiosos, serão recompensados a longo prazo porque aumentam consideravelmente a probabilidade de que as crianças se tornem membros produtivos de suas sociedade (p. 324).

Em conformidade com a proposição anterior entende-se que o investimento na educação converte-se na verdadeira previsibilidade e conseqüente provimento de políticas educacionais sustentáveis, ou melhor, os resultados serão de médio e longo prazos.

Conclui-se, que o diálogo com Corsaro (2011) foi muito proveitoso diante da generalização do seu estudo sobre as crianças. Pois, consegue compreender na sua investigação importantes fatores que afetam diretamente o desenvolvimento das crianças. Dessa maneira, também se pode fazer uma inter-relação maior com o campo, objeto desta investigação.

Prout e a Sociologia da Infância: Diálogo



6. Prout e a Sociologia da Infância: Diálogo

Nos anos 1980 e 1990, a sociologia tentava manter-se em sintonia com um conjunto complexo de mudanças sociais esboçadas anteriormente e que abalaram os pressupostos modernos que lhe haviam servido de base durante quase todo o século anterior. O problema aqui reside em que a teoria social moderna nunca havia dado muito espaço à infância.

A Sociologia da Infância surgia então com uma dupla tarefa: criar um espaço para a infância no discurso sociológico e encarar a complexidade e ambiguidade da infância como um fenômeno contemporâneo e instável. (Prout, 2011, p. 733)

Há tempos, a sociologia da infância vem apresentando um considerável transformação e, conseqüentemente, inter-relacionando-se com prospecções que podem ser observadas pelas variadas condições de possibilidades favoráveis para sua automanutenção.

Pois, segundo Prout (2011) em sua forma contemporânea, ela surgiu nos anos 1980-1990. Três principais recursos teóricos foram empregados em sua construção. Primeiro, apoiou-se na Sociologia interacionista desenvolvida principalmente nos Estados Unidos nos anos 1960. Esta problematizou o conceito de socialização, que torna as crianças muito passivas. Segundo, nos anos 1990, sobretudo na Europa, houve um ressurgimento (um tanto quanto surpreendente) da sociologia estrutural, que vê a infância como um dado permanente da estrutura social.

Finalmente, nos anos 1980, na Europa e nos Estados Unidos, o construtivismo social problematizou e desestabilizou todo e qualquer conceito consagrado sobre a infância, lançando-lhe um olhar relativista. Este enfatizou a especificidade histórica e temporal da infância e dirigiu o foco à sua construção através do discurso (p. 731).

Observa-se que a sociologia convivia com uma insatisfação com a noção de socialização, concebida como um caminho de mão única, ou seja, dos adultos sobre as crianças, ignorando-se as crianças como seres sociais e participantes na vida social e coletiva. Essas críticas contribuíram para o surgimento da Nova Sociologia da Infância (Prout, 2010).

Nessa linha que vem se construindo novas alternativas de pesquisa, principalmente, criando novas estratégias metodológicas capazes de integrar variadas temáticas aos contextos da educação infantil; assim, tentando aperceber-se das necessidades das crianças a partir de seus protagonismos, não somente no contexto educacional mais também na sociedade local/global. Logo, construindo novos conhecimentos capazes de favorecerem o desenvolvimento das crianças orientadas por suas ideias.

Uma condição propensa à reflexão e bastante suscetível da questão em estudo é a visão de Prout sobre a possível dicotomia da sociologia da infância.

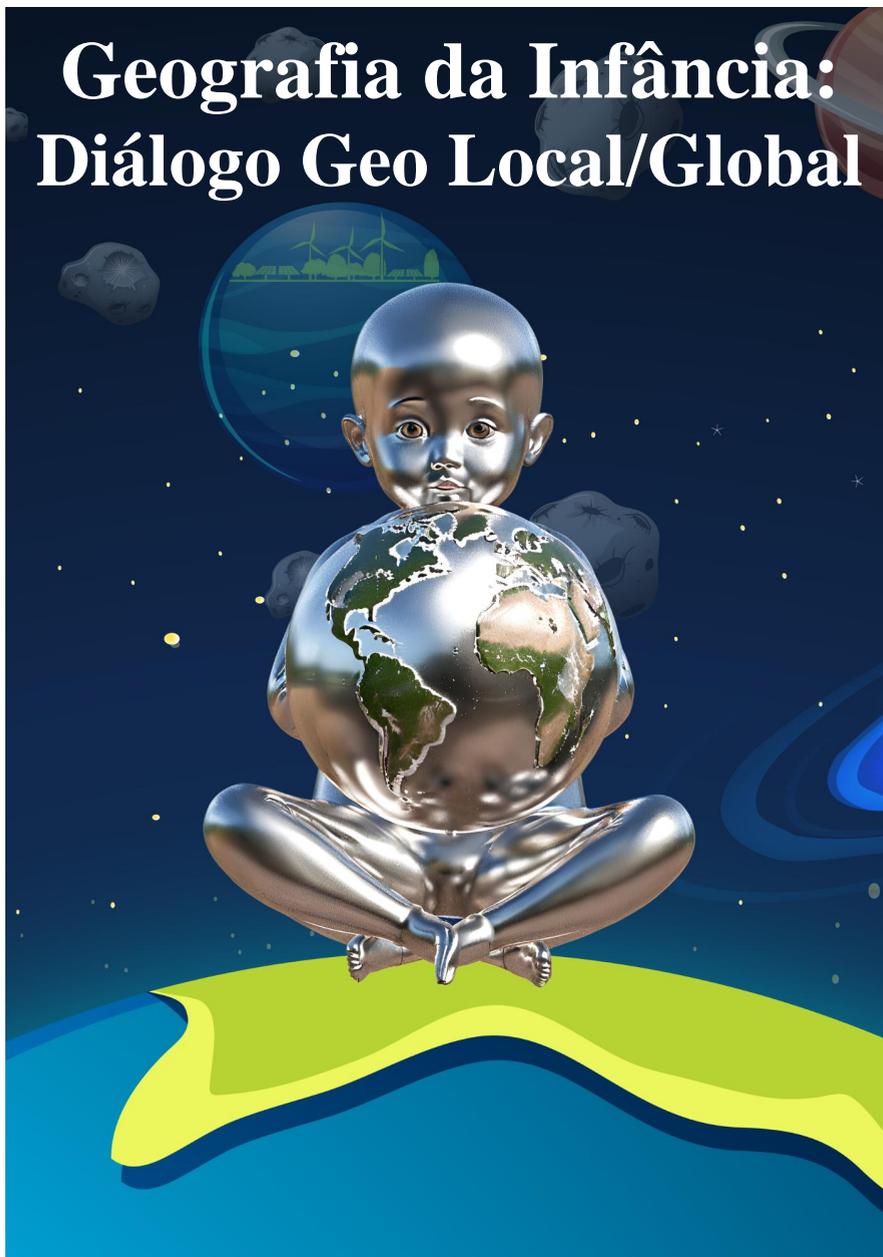
Sociologia da Infância corre o risco de endossar o mito da pessoa autônoma e independente, como se fosse possível ser humano sem pertencer a uma complexa rede de interdependências. Ele critica então a nova Sociologia da Infância por se basear

unilateralmente na ideia de crianças como seres (Prout, 2010, p. 731).

Para o mesmo autor, nessa perspectiva a sociologia da infância estabeleceu-se então, ela própria, dentro, e não além das oposições dicotomizadas da sociologia moderna, em suas palavras: “Gostaria aqui de ressaltar três delas: crianças como atores versus infância como estrutura social; infância como construto social versus infância como natural; e infância como ser versus infância como devir” (PROUT, 2010, p. 734).

O autor sinaliza que algumas de suas preocupações eclodem das carentes estratégias de desenvolvimento infantil, as quais na maioria das vezes são (des)orientadas por políticas insustentáveis que privilegiam a formação de cidadãos e, não, da cidadania das crianças/pessoas/cidadãos.

Geografia da Infância: Diálogo Geo Local/Global



7. Geografia da Infância: Diálogo Geo Local/Global

A geografia da infância não se reduz apenas a cartografar o modo de vida das crianças nos diferentes espaços. Essa é uma das extensões do trabalho. Por outro lado, quando estamos mexendo com os adultos, com as instituições, estamos no âmbito da Geografia da Infância, porque a principal característica deste recorte é, exatamente, trazer a tona à impossibilidade de falar de infância sem articulá-la com a questão do espaço, dos lugares e territórios (Lopes; Vasconcellos, 2005, pp. 39-40)

A geografia da infância norteia-se mediante a territorialidade local/global pela incondicional busca, segundo Lopes (2012, p. 165), de “compreender as crianças e suas infâncias, tendo como viés o espaço geográfico e dialogando com a teoria historicocultural” e, ainda, buscando iminentemente apreender para conhecer melhor o seu protagonismo como condição capaz de demandar a construção de suas necessidades, assim formando sua identidade territorial.

A infância precisa também de ser compreendida pela sua orientação geográfica em suas especificidades locais em consonância simultânea com o global, co-produzidos simultaneamente.

O mundo está cada vez mais globalizado e as informações estão sendo objeto de maior socialização *on time, full time e on line* e, conseqüentemente, necessárias de serem repensadas nesta mesma condição.

A geografia da Infância é o campo teórico de pesquisa, é o conjunto de ideias/teorias que nos permite fazer essa amarradura. As territorialidades infantis são os diversos campos de embates

produzidos nos diferentes grupos sociais, a dinâmica particular pela qual as diferentes instâncias envolvidas constroem a infância. É um campo de combate, de enfrentamento de forças onde adultos, crianças e instituições vão dando face nova ao território. Isto é pensar a infância pela geografia da Infância (Lopes; Vasconcellos, 2005, p. 40)

Para Prout (2010, p. 735) “a vida social é, ao mesmo tempo, mais contingente e mais frágil, e precisa ser permanentemente trabalhada, mantida e reparada”.

Diante desta visão acredita-se que extrapolar os limites da pesquisa para uma dimensão geográfica torna-se importante; logo, entender as crianças pela sua condição de ser e estar no mundo torna-se um diferencial necessário porquanto as composições de espaço/social estarem cada vez mais se redimensionando; pois, “não existem mais entidades puras, apenas híbridas” (Prout, 2010, p. 739).

Nessa perspectiva, busca-se no protagonismo das crianças, diante de seus espaços geográficos, tanto real quanto imaginário, um simples e um mais complexo, as suas necessidades que deverão ser possíveis de redesenharem esses espaços e suas respectivas situações em consonância com suas próprias demandas.

A Geografia da Infância nos convida a tirar proveito dessa condição dialética que produz e é produzida por homens e mulheres ao criar sua realidade; e que, por isso, nos possibilita fisgar suas contradições e construir possibilidades de mudanças. (Lopes; Vasconcellos, 2006, p. 123)

Dessa maneira, acredita-se no iminente empreendimento de estratégias metodológicas norteadas por pesquisas qualitativas variadas (Bogdan; Biklen, 2010) para melhor compreender tais necessidades das crianças. Por conseguinte, promover situações e/ou condições mais condizentes para com as suas necessidades e, mais, para com a superação de suas expectativas (KOTLER, 2009).

Sob outra ótica, atualmente existe uma expressiva preocupação centrada em focalizar a mobilidade e os fluxos entre fronteiras, condição que não nos isenta da (co)responsabilidade desta incontrolável realidade.

Pois, para Urry (2000 *apud*. PROUT, 2012)

o declínio da noção de sociedade como entidade distinta e delimitada, vigente no século XX, requer nova ênfase sociológica na mobilidade. “Sociedades” são cada vez menos capazes de defender suas fronteiras sempre mais permeáveis, e tendem a adotar um nível mais baixo de defesa, na tentativa de regular e moderar novos e intensos fluxos de pessoas, informações e produtos que as atravessam. (p. 37)

Este problema vem se tornando um enigma e um conseqüente desafio global às potências hegemônicas porquanto as fronteiras tornarem-se progressivamente imaginárias em toda a sua amplitude (municipal/províncias, estadual/distrital, nacional, internacional).

Situação, que está sendo vivenciada mediante às intensas imigrações, legais e/ou ilegais, nos dias atuais; assim, integrando cada vez mais as fronteiras e carecendo de novas políticas sustentáveis para uma lidar com um novo modelo de cidadania: a cidadania global.

Sob outro horizonte prismático, considera-se também importante ressaltar a Geografia e sua indiscutível associação à Cartografia porquanto os mapas representarem, desde outrora, condições às buscas.

Especialmente às instituições de ensino, Lopes (2010, p. 213) entende que a “cartografia escolar tem se sistematizado como um campo de estudos que busca contribuir com pesquisas voltadas aos trabalhos de representação dos diversos espaços em que se inserem os diferentes sujeitos sociais”.

O trabalho de cartografia está presente em todas as dimensões passando desde os momentos dos projetos formalmente sistematizados, às rotinas cotidianas, a organização do espaço e do tempo, além de momentos mais pontuais, onde são solicitadas às crianças situações específicas (Lopes, 2010, p. 219)

Mais especificamente nesta pesquisa, no concernente aos mapas assumisse em conformidade com Lopes (2010, p. 225) o termo “Cartografia com Crianças” por defender que estas possuem suas singulares formas de representar o mundo que está inserido e vivenciando e assumindo o protagonismo infantil.

Mediante das já citadas condições prima-se pelo ser e estar no mundo, especialmente intrínseca a uma situação geográfica. Para tanto, o Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância (GRUPEGI) vem buscando entender as crianças, sobretudo, a partir do seu protagonismo em distintos espaços.

O GRUPEGI em conformidade com as propostas da protagonização infantil entende que a infância deve primar pela sua intersubjetividade que, por bastante tempo, foi relegada do processo de

desenvolvimento infantil e somente agora vem sendo compreendida como relevante à reestruturação de suas necessidades formativas contemporâneas.

No que se refere à instituição escolar, em todos os seus níveis, passa-se a compreender o espaço de reconstrução para tal desenvolvimento do processo formativo, a fim de prover novas políticas e estratégias de desenvolvimento sustentável às crianças precipuamente a partir da educação formal.

Nessa perspectiva, Lopes e Vasconcellos (2005) consideram que

a ideia de Geografia da Infância, perde-se na possibilidade de falar de infância fora da dinâmica de negociação das territorialidades infantis. Não é possível falar que esse lugar é de infância porque o lugar da infância pertence a dinâmica das territorialidades, ou seja leva em conta a tensão entre os ‘territórios de criança’ e os ‘territórios pensado para elas’, leva em conta os diferentes territórios usados. (p. 41)

Dessa forma, os espaços das crianças ainda se concebem, de fato, pela cabeça dos adultos. As instituições educacionais e seus espaços estão cada vez mais na busca de maior acomodação das crianças, simplesmente em prol de um maior faturamento, porque os espaços necessários, à formação integral da criança, passam a ser uma mera condição secundária naquele território “hostil à verdadeira infância”.

Destarte, considera-se que estas condicionantes geopolíticas socioambientais precisam de maiores estratégias factíveis de favorecer uma maior organicidade e dinamicidade à consolidação da base da sociedade – a educação – sobretudo durante o seu processo formativo

basilar inicial – educação infantil - com a finalidade de contribuir para o seu desenvolvimento sustentável provedor de responsabilidade socioambiental.

Portanto, considera-se que o desafio na contemporaneidade está na promoção de uma educação infantil sustentável inovadora, a qual contribuirá para o desenvolvimento de cidadãos mais críticos, criativos e reflexivos capazes de empreenderem sociedades mais responsivas e proativas para lidarem melhor com as intensas demandas da era da informação.

Metodologia à Pesquisa em Educação



8. Metodologia à Pesquisa em Educação

A educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática. (Paulo Freire)

A metodologia à pesquisa em educação evidencia a imprescindibilidade da inclusão dinamizadora dos métodos e técnicas de pesquisa, entendendo-a como condição empreendedora de necessárias ações e atividades capazes de promover a melhoria da interação orientada pelos conceitos e teorias com o objeto de estudo e suas variadas condicionantes pragmáticas.

8.1 Estratégias Metodológicas às Reflexões

Numa sociedade em constantes mudanças e com tantas incertezas, onde as informações transitam sem fronteiras – *on line, on time e full time* - faz-se relevante o entendimento sobre as necessidades das iminentes mudanças serem compreendidas como aliadas ao nosso desenvolvimento.

Pois, tais mudanças tornam-se condições expressivas para favorecerem o processo formativo em consonância com as referidas informações, as quais carecem de muita reflexão para serem convertidas em conhecimentos.

Numa perspectiva metodológica, a não exclusão de métodos de pesquisa passa a ser uma condição possível e capaz para se lidar com tantas transformações.

Assim, compreender que os variados métodos e técnicas e suas especificidades, numa mesma pesquisa, convertem-se numa condicionante expressiva e estratégica para a sua própria prospecção.

Nessa dimensão, as investigações que consolidam este relatório de pesquisa serão empreendidas da maneira que, necessariamente, variados métodos de pesquisa tornem-se aliados para o seu desenvolvimento sustentável.

Entende-se por desenvolvimento sustentável neste relatório, especificamente sobre a metodologia, todas as proposições metodológicas constantemente pensadas, integradas, refutadas e provisionadas para curto e, em especial, para médio e longo prazos.

Os metodólogos clássicos sobre a investigação qualitativa em educação (Bogdan; Biklen, 2010) e, ainda, metodólogos nacionais que trabalham com as ciências humanas e sociais aplicadas (Gil, 2005; Vergara, 2008; 2009) proporcionarão às investigações novas estratégias metodológicas de forma a buscarem novas habilidades técnicas, diante da contínua ousadia intrínseca à integração de métodos de pesquisas.

As suposições ontológicas, epistemológicas e da natureza humana tem implicações diretas de ordem metodológica, vale dizer, encaminham o pesquisador na direção dessa ou daquela metodologia. (Vergara, 2009, p. 2)

Mediante tais possibilidades, a contemplação e integração de variados métodos de pesquisa, provenientes de ciências distintas, será uma proposta diferencial às pesquisas em educação voltado às crianças da educação infantil e do ensino fundamental, principalmente, a fim de

tentar criar novas técnicas que melhor possam apreender as necessidades das crianças a partir do seu pensamento e das expressões externadas de suas vivências no ambiente educacional.

Com as possíveis estratégias, mediante diferentes técnicas, busca-se uma melhor compreensão do protagonismo infantil para demandar suas próprias necessidades à previsibilidade e ao provisionamento para o desenvolvimento de um processo formativo mais ambientável.

Faz-se importante sinalizar que nesta obra – Ambientável: é entendido como o ambiente em sua totalidade, onde a harmonia de todos os fatores sociais peculiares aos contextos (local e global) sejam interdependentes e capazes de manterem-se continuamente mais orgânicos e integrados, ainda, que as possíveis ações dos seus atores convertam-se ao bem comum às gerações.

Abordagens prévias sempre contribuem bastante para se recriar novas alternativas ao redimensionamento das investigações. Isto ratifica a tensão comum do primeiro contato com os atores no campo.

Para tanto, a investigação desenvolvida para este relatório será norteadada, especialmente, por técnicas etnográficas porquanto acreditar serem as mais expressivas à orientação no campo mediante as necessidades para empreender e mediar as diversas ações e as importantes acepções sobre os investigados.

Proposições técnicas investigativas como Mapas Narrativos e Vivenciais (Lopes, 2012) converter-se-ão nas estratégias iniciais para factível favorecimento à introspecção do pesquisador no campo. Na sequência, a conceituação dos supracitados mapas:

Mapas Narrativos: Abordagem onde as expressões gráficas (desenhos) e a biografia narrativa convertem-se em formas de materializar o pensamento e as ações das pessoas em seu mundo vivido (Lebnswelt). Esta proposição integra o desenho e a conversa formal com o(s) investigado(s). Sendo assim, as pessoas em contextos/espços variados desenham e narram livremente suas vivências naquele momento.

Mapas Vivenciais: caracterizam por movimentos de representações cartográficas que tragam não só os elementos do mundo adulto (Cartografia para Crianças), mas também as referências das próprias crianças, as suas lógicas próprias presentes nos diferentes momentos de seu desenvolvimento (Lopes, 2012).

As proposições metodológicas apresentadas foram objeto de muita leitura e reflexão, inicialmente, compreendendo-se no momento teórico da investigação concernente à metodologia e suas estratégias.

Não obstante, a possibilidade de pensar nas intervenções na prática, fundamentado nas referidas condições teóricas, também favoreceram as aproximações com dirigentes e docentes, da mesma forma com as pessoas mais importantes da pesquisa: as crianças.

Observa-se que traçar estratégias prévias, diante do entendimento da necessidade da teoria contribuir para direcionar a prática, tornam-se condições aliadas à apreensão das informações necessárias.

Portanto, cada vez mais compreende-se a relevância da metodologia para a evolução da pesquisa nas mais diversas áreas de conhecimento; assim como, passa a ser um fator primordial para a integração do ensino, da pesquisa e da extensão como indispensáveis para uma educação sustentável inovadora possível de promover a

melhoria de uma formação humana integral, de instituições aprendentes e de sociedades mais justas, dignas e melhores para tudo e para todos.

Por fim, parafraseando Paulo Freire “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Por certo, o protagonismo do ser humano na educação precisa ser uma condição fundamental para o desenvolvimento humano, institucional e educacional.

Investigação Qualitativa em Educação: Diálogo com os Autores – Bogdan e Biklen



9. Investigação Qualitativa em Educação: Diálogo com os Autores – Bogdan e Biklen

A influência dos métodos qualitativos no estudo de várias questões educacionais é cada vez maior. Muitos dos investigadores educacionais manifestam uma atitude positiva face às mudanças que se têm vindo verificar nas estratégias de investigação, contemplando a abordagem qualitativa tanto a nível pedagógico como a nível de condução da investigação. (Bogdan; Biklen, 2012, p. 11)

A leitura transcendental sobre a obra de Robert Bogdan e Sari Biklen intitulada - *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos* (Bogdan; Biklen, 1982) – corrobora a importância para esta investigação da expressividade da metodologia às pesquisas em educação, em especial, como fator estratégico para todo o seu empreendimento na busca de uma educação sustentável inovadora.

A educação, aqui com o seu foco precípua na criança, principalmente, da educação infantil e do ensino fundamental busca redimensionar alternativas metodológicas variadas, tanto em termos de métodos quanto em técnicas, para apreender a vivência e as atitudes das crianças.

A importância da apreensão do pensamento a partir das vivências das crianças, as quais se dão pelo fato de se entender que a partir da compreensão do seu pensamento de ser e estar no mundo é que a sua experenciação se efetiva, havendo a real materialização do seu pensamento em práticas vivenciais.

Dessa forma, prover condições para melhor cartografar suas atitudes e ações; logo, favorecendo a melhor compreensão de suas reais necessidades.

Necessidades que deveriam ser revertidas em propostas concretas e, não mais, em propostas interpretáveis pelos adultos, a luz de sua realidade e; assim, relegando a vontade e as efetivas intenções e necessidades das crianças em seus contextos, num constante diálogo.

Nessa direção, conhecer mais apropriadamente as investigações qualitativas em educação e o máximo de suas particularidades tornam-se fatores subsidiários consideráveis, para se repensarem novas possibilidades para o desenvolvimento das pesquisas de cunho qualitativo, com mais consistência.

A partir dessas condições, na sequência, apresenta-se a trajetória proposta por Bogdan e Biklen (2010) para o desenvolvimento das investigações qualitativas em educação. Cabe evidenciar que tal trajetória não compreende uma orientação absoluta, mas, sim, uma proposição coerente sobre investigações desta natureza.

Além disso, quando se fizerem necessárias serão, diante do entendimento de sua expressividade, realizados comentários e feitas referências às investigações no campo, fator que se considerar relevante à materialização da relação teoria e prática, numa perspectiva metodológica, ao relatório.

9.1 Fundamentos da Investigação Qualitativa em Educação (Bogdan; Biklen, 2010, pp. 47-51):

A investigação qualitativa possui cinco características, segundo Bogdan e Biklen (2010). Nem todos os estudos que consideraríamos qualitativos patenteiam estas características com igual eloquência.

Alguns deles são, inclusivamente, totalmente desprovidos de uma ou mais das características. A questão não é tanto a de se determinada investigação é ou não totalmente qualitativa: trata-se sim de uma questão de grau. Como referimos anteriormente, os estudos que recorrem à observação participante e à entrevista em profundidade tendem a ser bons exemplos.

1. Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal

Os investigadores introduzem-se e despendem grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais tentando elucidar questões educativas. Ainda que alguns investigadores utilizem equipamento vídeo ou áudio, muitos limitam-se exclusivamente a utilizar um bloco de apontamentos e um lápis. Contudo, mesmo quando se utiliza o equipamento, os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contato direto. Além do mais, os materiais registrados mecanicamente são revistos na sua totalidade pelo investigador, sendo o entendimento que este tem deles o instrumento-chave de análise. Por exemplo, num importante estudo sobre educação médica, os investigadores trabalharam numa escola médica, na

qual seguiam os alunos para as aulas, laboratórios, enfermarias e outros locais utilizados para situações de encontros sociais: refeitórios, lares e salas de estudo (Becker *et al.*, 1961). Em um estudo sobre estratificação educacional na Califórnia (Ogbu, 1974), foram necessários 21 meses para que o autor fosse capaz de completar o trabalho de campo: visitas, observações e entrevistas a professores, alunos, diretores, famílias e diferentes membros da gestão escolar.

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhores compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem. Quando os dados em causa são produzidos por sujeitos, como no caso de registros oficiais, os investigadores querem saber como e em que circunstâncias é que eles foram elaborados.

Quais as circunstâncias históricas e movimentos de que fazem parte?

Para o investigador qualitativo divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado. Como escreveu determinado antropólogo:

Se a interpretação antropológica consiste na construção de uma leitura dos acontecimentos, então, divorciá-la do que se passa - daquilo que em determinado momento espaço-temporal pessoas particulares afirmam, fazem, ou sofrem, de entre a vastidão de acontecimentos do mundo - é o mesmo que divorciá-la das suas aplicações, tornado-a oca. Uma boa interpretação do que quer que seja - um poema, uma pessoa, uma história, um ritual, uma

instituição, uma sociedade - conduz-nos ao coração daquilo que pretende interpretar. (Geertz, 1973)

Quer os dados sejam recolhidos sobre interações na sala de aula, utilizando equipamento vídeo (Florio, 1978; Mehan, 1979), sobre educação científica, recorrendo à entrevista (Denny, 1978a), ou ainda sobre a desagregação, mediante observação participante (Metz, 1978), os investigadores qualitativos assumem que o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorre, deslocando-se, sempre que possível, ao local de estudo.

2. A investigação qualitativa é descritiva

Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos.

Os relatórios e artigos qualitativos têm sido classificados por alguns autores como "anedóticos". Isto porque contêm frequentemente citações e tentam descrever, de forma narrativa, em que consiste determinada situação ou visão do mundo. A palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registro dos dados como para a disseminação dos resultados.

Ao recolher dados descritivos, os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa. Muitos de nós funcionamos com base em "pressupostos", insensíveis aos detalhes do meio que nos rodeia e às presunções que nos guiam. Não é raro passarem despercebidas coisas como os gestos, as piadas, quem participa numa conversa, a decoração de uma sala e aquelas palavras especiais que utilizamos e às quais os que nos rodeiam respondem.

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. O investigador coloca constantemente questões como: Por que é que estas carteiras estão arrumadas desta maneira? Por que é que algumas salas estão decoradas com gravuras e outras não? Por que é que determinados professores se vestem de maneira diferente dos outros? Há alguma razão para que determinadas atividades ocorram em determinado local? Por que é que há uma televisão na sala se nunca é utilizada? Nada é considerado como um dado adquirido e nada escapa à avaliação. A descrição funciona bem como método de recolha de dados, quando se pretende que nenhum detalhe escape ao escrutínio.

3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos

Como é que as pessoas negociam os significados? Como é que se começaram a utilizar certos termos e rótulos? Como é que determinadas noções começaram a fazer parte daquilo que consideramos ser o "senso

comum"? Qual a história natural da atividade ou acontecimentos que pretendemos estudar? Por exemplo, em estudos relativos ao ensino integrado nas escolas, os investigadores estudam primeiro as atitudes dos professores para com determinadas crianças, estudando posteriormente o modo como tais atitudes eram traduzidas nas interações diárias e como estas representavam as atitudes iniciais (Bruni, 1980; Rist, 1978). Em entrevistas com administradores escolares e candidatos a posições administrativas, determinado investigador mostrou o modo como as atitudes que refletiam baixas expectativas, medos sexuais e outros estereótipos relativamente às mulheres se traduziam no processo de contratação (Schmuck, 1975).

A ênfase qualitativa no processo tem sido particularmente útil na investigação educacional, ao clarificar a "profecia auto-realizada", a ideia de que o desempenho cognitivo dos alunos é afetado pelas expectativas dos professores (Rosenthal; Jacobson, 1968). As técnicas quantitativas conseguiram demonstrar, recorrendo a pré e pós-testes, que as mudanças se verificam. As estratégias qualitativas patentearam o modo como as expectativas se traduzem nas atividades, procedimentos e interações diários. Um exemplo particularmente significativo da "profecia de auto-realização" numa sala de aula de um jardim-escola é-nos dado por um estudo de observação participante realizado com crianças afro-americanas, em St. Louis. Nos primeiros dias de aulas, as crianças foram divididas em grupos estabelecidos essencialmente com base em critérios socioeconômicos. A professora interagiu mais com o grupo de nível mais elevado, dava-lhes mais privilégios e até lhes permitia disciplinarem o grupo mais desfavorecido. O processo de interação diária encontra-se

detalhadamente descrito (Rist, 1970). Este tipo de estudo foca-se no modo como as definições (as definições que os professores têm dos alunos, as definições que os alunos têm de si próprios e dos outros) se formam.

4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva

Não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente: ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando.

Uma teoria desenvolvida deste modo procede de "baixo para cima" (em vez de "cima para baixo"), com base em muitas peças individuais de informação recolhida que são inter-relacionadas. É o que se designa por teoria fundamentada (Glaser; Strauss, 1967). Para um investigador qualitativo que planeie elaborar uma teoria sobre o seu objeto de estudo, a direção desta só se começa a estabelecer após a recolha dos dados e o passar de tempo com os sujeitos. Não se trata de montar um quebra-cabeças cuja forma final conhecemos de antemão. Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes. O processo de análise dos dados é como um funil: as coisas estão abertas de início (ou no topo) e vão-se tornando mais fechadas e específicas no extremo. O investigador qualitativo planeia utilizar parte do estudo para perceber quais são as questões mais importantes. Não presume que se sabe o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efetuar a investigação.

5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa

Os investigadores que fazem uso desse tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas. Por outras palavras, os investigadores qualitativos preocupam-se com aquilo que se designa por perspectivas participantes (Erickson, 1986 *apud*. Dobbert, 1982, para uma perspectiva ligeiramente diferente). Centram-se em questões tais como: Quais as conjecturas que as pessoas fazem sobre as suas vidas? O que consideram ser "dados adquiridos"? Por exemplo, em determinado estudo educacional o investigador centrou parte do seu trabalho sobre as perspectivas parentais sobre a educação dos seus filhos. Pretendia saber quais as opiniões dos pais sobre as razões para os filhos não terem bom rendimento escolar. Descobriu que os pais que faziam parte do campo de estudo sentiam que os professores não valorizavam as suas opiniões sobre os seus próprios filhos, dada a sua pobreza e a sua falta de escolaridade. Os pais acusavam igualmente os professores que consideravam que estes fatores significavam necessariamente que os seus filhos não iam ser bons alunos (Ogbu, 1974). Estudou igualmente as perspectivas dos professores e dos alunos sobre as mesmas questões, na esperança de encontrar pontos comuns, com o objetivo de explorar as suas implicações para a escolarização. Ao apreender as perspectivas dos participantes, a investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações, dinâmica esta que é frequentemente invisível para o observador exterior.

Os investigadores qualitativos fazem questão em se certificarem de que estão a apreender as diferentes perspectivas adequadamente. Alguns investigadores que fazem uso do vídeo mostram as gravações

feitas aos participantes para compararem as suas interpretações com as dos informadores (Mehan, 1978). Outros investigadores podem mostrar rascunhos de artigos ou transcrições de entrevistas aos informadores principais. Ainda outros podem conferir verbalmente as suas perspectivas com as dos sujeitos (Grant, 1988). Ainda que se verifique alguma controvérsia relativamente a estes procedimentos, eles refletem uma preocupação com o registro tão rigoroso quanto o possível do modo como as pessoas interpretam os significados. Os investigadores qualitativos em educação estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objetivo de perceber "aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem" (Psathas, 1973). Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra.

Como as considerações inerentes às supracitadas características serão muitas, as mesmas se efetivarão no artigo desenvolvido da pesquisa de campo na Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) Geraldo Mantenedônio Bezerra de Menezes, como será abordado a seguir.

9.2 Plano de Investigação (Bogdan; Biklen, 2010)

Em investigação, o termo ‘plano’ é utilizado como um guia do investigador em relação aos passos a seguir. Na investigação qualitativa em educação, o investigador comporta-se mais de acordo com o viajante que não planeja do que com aquele que o faz meticulosamente. (Bogdan; Biklen, 2010, p. 83)

O planeamento em geral torna-se a parte mais importante dos projetos, inclusive de pesquisa. Embora, na investigação qualitativa segundo Bogdan e Biklen (2010), o planeamento torna-se secundário considera-se, sim, importante.

Pois, o planejar é realmente necessário às pesquisas, mas no caso da pesquisa qualitativa esta carece de condições alheias ao planeamento prévio, situação que não isenta a importância da mediação e controle do pesquisador.

Portanto, o planeamento é sim um condicionante presente em todo momento do campo; no entanto, o entendimento e a necessária flexibilidade de lidar com as iminentes novidades e suas respectivas mudanças é que farão a diferença para se promover uma investigação o mais fidedigna possível. Pois, os próprios autores, Bogdan e Biklen (2010, p. 84), ratificam e/ou talvez se contradizem quando afirmam que uma investigação qualitativa trata “de um plano flexível”, porque “o planeamento é efetuado ao longo de toda investigação”.

No concernente, a escolha de um estudo o mesmo foi uma situação proposta como expressiva por Bogdan e Biklen (2010) pelo fato da pesquisa de campo gerado por este estágio contemplar uma escola, onde o envolvimento com a direção, coordenação, funcionários e alunos

foi uma condição natural do cotidiano escolar. Ao mesmo tempo ratifica-se que foi construído, mesmo num curto espaço de tempo, uma relação muito agradável e profissional.

Uma estratégia que talvez venha a tornar-se condição inovadora e interessante para estudos futuros foi a utilização da triangulação, enquanto de método de pesquisa, que se subsidiou do estudo de caso designado microetnografia no ambiente educacional.

Esta microetnografia se efetiva diante das seguintes situações:

A microetnografia é um termo utilizado com vários significados, mas, normalmente, refere-se a estudos de caso realizados seja em unidades muito pequenas de uma organização (uma parte da turma), seja de uma atividade organizacional muito específica”. (Bogdan; Biklen, 2010, p. 94)

a) a investigação foi realizada apenas com parte da turma (muitos pais e/ou responsáveis não autorizaram e/ou não souberam autorizar (pais e/ou responsáveis que não entendem os comunicados, por vários motivos, e pedem para os filhos repassarem para as professoras que depois passarão na escola para saber melhor do que se trata) a participação dos seus filhos na pesquisa);

b) foram realizadas entrevistas com pessoas ativas (profissionais da escola e pais que estão sempre na escola e que fazem parte do Conselho Escolar) de toda escola, como: diretora, coordenador pedagógico (é o coordenador pedagógico da escola, mas não de direito. Profissional que desenvolve tal atividade, mas não é legalmente o coordenador, somente exerce as funções), professora, funcionárias, tanto dos serviços gerais quanto da cozinha e, ainda, com pais e/ou responsáveis.

Ainda, em relação aos estudos de caso, sinaliza-se que a proposição investigativa permeada por vários assuntos – educação, gestão e sustentabilidade – denota a realização de estudos de casos múltiplos. Porque, segundo Bogdan e Biklen (2010, p. 97) “os estudos de caso múltiplos assumem uma grande variedade de formas. Alguns começam sobre a forma de um estudo único cujos resultados vão servir como o primeiro de uma série de estudos, ou como piloto para pesquisa de casos múltiplos”.

As questões relacionadas com o plano investigativo aliam-se à pesquisa investigativa e fazem-se necessárias e geralmente são tratadas de duas formas (Bogdan; Biklen, 2010, pp. 105-106): realização de algum “trabalho de campo antes de escrever a proposta” e “escrever uma proposta sem observações ou entrevistas preliminares”.

Antes da realização da proposta para a pesquisa de campo principal deste relatório foi anteriormente feita uma atividade com uma outra unidade escolar para levantar (pesquisa exploratória) algumas inquietações prévias, como por exemplo: como profissionais e, especialmente, as crianças iriam reagir com expressões do tipo “protagonismo infantil, gestão, demanda, estratégia e sustentabilidade”.

Tal intervenção foi bastante interessante para prover uma proposta mais direcionada às reais necessidades, ao menos num primeiro momento, do que se tencionava buscar na unidade educacional.

Considera-se que o plano de investigação e suas diversificadas estratégias proporcionam às investigações maiores subsídios às mesmas; por conseguinte, favorecem consideravelmente o seu redimensionamento.

9.3 Trabalho de Campo (Bogdan; Biklen, 2010)

O objetivo do investigador é o de aumentar o nível da vontade dos sujeitos, encorajando-os a falar sobre aquilo do que costumam falar, acabando por lhes fazer confidências. Este terá de lhes dar provas, de forma a merecer a confiança que os sujeitos depositam nele, tornando claro que nunca irá utilizar o que descobrir para rebaixar ou magoar alguém. (Bogdan; Biklen, 2010, p. 113)

O trabalho de campo é o momento de glorificação do pesquisador, seja pelo prazer de vivenciar fatos diversos reais e ímpares momentos durante às investigações ou seja pela tensão e emoção de não saber o que se passa pela cabeça dos investigados. Portanto, são condições que gratificam bastante o pesquisador e o proporciona maior poder de argumentação/interlocação diante dos dados, das teorias e práxis contextuais e das estratégias da pesquisa.

Segundo Bogdan e Biklen (2010) o primeiro problema do investigador é a obtenção da autorização para realizar o trabalho de campo. Ratifica-se que em nenhum se pensou em realizar uma investigação dissimulada (recolha de dados sem o consentimento legal para tal).

O campo de materializa este estudo seguiu o tramite legal, ou melhor, houve o primeiro contato com a direção solicitando a possibilidade de realização de pesquisa sobre a unidade e não teve nenhuma objeção; embora, em consonância com Bogdan e Biklen (2010, p. 120) “os membros da organização poderão querer saber a opinião da administração antes de aderir ao estudo” e realmente se reuniram e

chegaram a um consenso sobre a relevância da pesquisa ao desenvolvimento formativo de todos envolvidos.

Numa outra condição, a natureza da investigação por ser considerada de cunho inovador e emergente se antecipou em amenizar possíveis preocupações; assim, clarificando para a direção que não se tratava de nenhuma “experiência controlada ou inquérito” (Bogdan; Biklen, 2010, p. 137) e que não se conhece estudos de tal natureza no meio acadêmico, portanto não se tratava de nenhuma parametrização sobre o processo de gestão educacional.

A instituição esclareceu sobre o procedimento que geralmente é realizado, como solicitação de estágios que é emitida pela Fundação Municipal de Educação de Niterói para pessoas alheias à escola. Embora, não sendo estágio tal condição foi solicitada e, sem nenhum problema, autorizada pela referida fundação.

Outrossim, cabe registrar que a autorização para a pesquisa foi concedida através de um formulário de estágio (mesmo sendo explicitado a necessidade de desenvolvimento de pesquisa), sendo o único formulário da fundação para tais procedimentos junto às suas unidades (Anexo A). Logo, de posse da autorização a UMEI pesquisada ratificou o seu posicionamento sobre o desenvolvimento da pesquisa e se colocou propensa às necessidades investigativas.

Quando da relação com o campo e suas repartições/setores Bogdan e Biklen (2010) apresentam uma série de situações que incomodam o público interno durante os variados acessos à instituição e que podem contribuir para se argumentar diante de algumas de suas preocupações comuns.

Os membros das organizações educativas são, na maior parte dos casos, muito paternalistas em relação aos seus alunos. É frequente mostrarem relutância em relação a entrevistas com os seus alunos, por recearem a falta de aprovação destes ou, no caso dos alunos resulta num conjunto complicado de procedimentos que inclui a permissão dos pais, bem como a passagem por outros canais formais de legalização da investigação (Bogdan; Biklen, 2010, p. 120)

Os alunos (GREI 5 que é composto por crianças que estão prestes a entrar no ensino fundamental. Mais adiante serão explicitas as especificidades de tal denominação) sempre foram muito atenciosos e acessíveis às atividades, fator que favoreceu a sua realização dentro dos prazos planejados. A solicitação formal de autorização à participação na pesquisa foi enviada pela agenda dos alunos para os pais. A maioria autorizou a participação de seus filhos, Porém, alguns responsáveis não autorizaram.

Interessante destacar que num dia para complementar as investigações (dia da entrevista com as crianças) encontrei no portão de entrada da instituição uma mãe de aluno e após me apresentar indaguei-lhe sobre a pesquisa que estava sendo desenvolvida na UMEI (na ocasião esclareci que estava devidamente autorizada) e que se havia autorizado a participação do seu filho na pesquisa.

Naquele momento, a mãe “meio sem graça” disse que havia assinado a autorização de consentimento para o seu filho participar da pesquisa. Disse que tinha medo, pois estava acontecendo muitas coisas ruins com crianças, por este motivo não tinha autorizado a participação do seu filho na pesquisa.

Pode-se observar a importância e a consequente necessidade da autorização (consentimento) em todas as suas esferas, especialmente dos pais e/ou responsáveis dos alunos a fim de dar maior legalidade e credibilidade à investigação.

Durante as atividades de investigação na escola, as vestimentas foram adequadas aos seus componentes com a finalidade de não chamar atenção. Pois, seguindo a orientação de Bogdan e Biklen (2012, p. 128) o investigador deve abandonar “o seu estilo pessoal, mas que tenha consciência do impacto do seu vestuário pode ter nos sujeitos”. Quanto a este fator considera-se que a inserção normal ao local de pesquisa foi desenvolvida de forma bem natural.

A duração das sessões de atividades com as crianças foram rápidas e objetivas (buscou-se realizar, naquele momento, somente a atividade planejada – a efetivação do desenho). Para Bogdan e Bibklen (2010, p. 133), as sessões devem se limitar “a uma hora ou menos”. Mesmo com o aumento da confiança das crianças as sessões não foram aumentadas, justamente para não torná-las extensas e cansativas para as crianças.

A entrevista foi um momento especial por entender sua importância à complementação da primeira atividade. A interpretação dos desenhos feita pelas crianças proporcionou conhecer alguns detalhes, que para o investigador seria impossível de entender, diante da imaginação externada pelas crianças naquele momento. Tal estratégia foi fundamentada em Burgess (1984, pp. 101-121 *apud*. Bogdan; Biklen, 2010, p. 134) quando mostra que para o “investigador qualitativo, a entrevista surge com um formato próprio”.

Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizados em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. (Bogdan; Biklen, 2010, p. 134)

Ademais, a entrevista foi desenvolvida seguindo técnicas diversas, “incluindo piadas e desafios ligeiros” (Bogdan; Biklen, 2010, p. 137). A entrevista foi realizada na própria mesa composta pelas crianças, logo as ouvindo uma por uma na sua posição diária normal.

Enfim, foram realizadas fotografias durante as entrevistas a fim de tentar minimizar a atenção e a consequente tensão que existe, sempre, no momento das fotos. As fotos realizadas objetivaram mostrar o máximo de naturalidade, durante o desenvolvimento das atividades, buscando o mínimo de interferência no ambiente de sala de aula.

9.4 Dados Qualitativos (Bogdan; Biklen, 2010)

O termo *dados* refere-se aos materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo que se encontram a estudar; são os elementos que formam a base da análise. Os dados incluem materiais que os investigadores registram ativamente, tais como transcrições de entrevistas e notas de campo referentes a observações participantes. Os dados também incluem aquilo que outros criaram e que o investigador encontra, tal como diários, fotografias, documentos oficiais e artigos de jornais. (Bogdan; Biklen, 2010, p. 149)

Os dados promovem uma conexão necessária com o campo. Sendo assim, quando adequadamente apreendidos ligam o investigador ao mundo empírico com muita propriedade (Bogdan; Biklen, 2010).

Para Bogdan e Biklen (2010) todos os dados de uma pesquisa qualitativa são importantes, mas os mais expressivos são - as notas de campo, justamente os dados mais produzidos na investigação que compreende a pesquisa de campo deste relatório.

Como parte dessas notas, o investigador registrará ideias, estratégias, reflexões e palpites, bem como os padrões que emergem. Isto são as *notas de campo*: o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo. (Bogdan; Biklen, 2010, p. 150).

Ampliando os conhecimentos sobre as notas de campo, estas consistem dois tipos de materiais segundo (Bogdan; Biklen, 2010):

O primeiro é descritivo, em que a preocupação é a de captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações. (p. 152)

Para os supracitados autores *a parte reflexiva das notas de campo* também se torna relevante. Porque são nelas que se encontram os registros mais subjetivos das investigações.

A ênfase é na especulação, sentimentos, problemas, ideias, palpites, impressões e preconceitos. Também se inclui o material em que você faz

planos para investigação futura bem como clarificações e correções dos erros e incompreensões das suas notas de campo. (Bogdan; Biklen, 2010, p. 165)

Em geral, as primeiras reflexões são desenvolvidas antes mesmo de entrar, de fato, no campo. Entretanto, o pesquisador deve tomar cuidado para gerenciar suas ansiedades inerentes às informações que serão obtidas de maneira a não interferi-las.

O formato das notas não seguiu nenhum padrão pré-determinado por entender que o campo que seria o único norteador da investigação, sobretudo, por se tratar também de temáticas emergentes da sociedade contemporânea.

9.5 Análise de Dados (Bogdan; Biklen, 2010)

Análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. (Bogdan; Biklen, 2010, p. 205)

Numa investigação pode-se considerar que uma das etapas mais importantes e, especialmente, mais satisfatória, embora cansativa, são as análises de dados e as estratégias que vão se redimensionando e desenhando esta parcela tão significativas das investigações, a qual pode ser considerada na maioria das vezes o centro subjetivo capaz de compreender o ponto de equilíbrio entre em os conceitos e teorias e a prática fundamentada no campo.

A análise envolve o trabalho de dados, a sua organização, divisão de unidades, manipuláveis, síntese, postura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros. Em última análise, os produtos finais da investigação constam de livros, artigos, comunicações e planos de ação. A análise de dados leva-o das páginas de descrições vagas até estes produtos finais. (Bogdan; Biklen, 2010, p. 205)

O envolvimento de todas as ações que demandam as análises de dados proporciona para o investigador a prever e prover os necessários sentidos de criatividade, crítica e reflexão tão expressivo aos constantes (re)direcionamentos das investigações.

Em referência às referidas análises, mais especificamente à análise do campo, deve-se sempre haver a preocupação em planejar as ações práticas e seus respectivos fatores, como: a delimitação, as decisões, as questões analíticas, a planificação da recolha dos dados, comentários do próprio investigador, os memorandos, ensaio de ideias e temas, exploração da literatura, brincadeiras com metáforas, analogias e conceitos e auxiliares visuais (Bogdan; Biklen, 2010).

Outro fator eloquente durante as investigações, mas extremamente inquietante, é a análise após a recolha dos dados. Sem generalizações cada pesquisador tem suas estratégias e suas peculiaridades para trabalhá-los. No entanto, para os iniciantes, geralmente, vem o pânico dão “o que fazer agora?” e “por aonde começar?”

Neste estudo, a utilização do computador, tanto *netbook* quanto do *desktop*, foram ferramentas aliadas à organização, registro, classificação, recuperação de dados e a utilização de seus utilitários para desenvolver com mais consistência a investigação.

Mediante tais condições, a visualização total do campo (local) e da sociedade (global), compreendendo um “campo maior” converte-se numa estratégia melhor para prover o desenvolvimento das investigações dentro das realidades da do mundo globalizado, o que se faz cada vez mais necessário diante da era da informação.

9.6 Redação da Investigação (Bogdan; Biklen, 2010)

Redigir a investigação converte-se na necessária materialização de todas as informações intrínsecas ao objeto de estudo, tanto na academia quanto no campo. Ainda, na apreensão e no entendimento sobre as possíveis atividades captadas no campo, sempre a luz de toda orientação teórico-conceitual norteadora da investigação.

Este é o momento para manter o controle e deixar que suas prévias concepções formativas, intuitivamente, direcionem a elaboração e o desenvolvimento os textos. Dessa forma, esta situação proporcionará a personalização da investigação, fator muito importante à mesma.

Segundo Bogdan e Biklen (2010) escrever com base e dados é mais simples do que escrever uma obra conceitual. Cabe lembrar que uma obra conceitual favorece o dimensionamento dos seus conteúdos, algo que já não acontece com os estudos realizados em contextos empíricos variados, conforme posição anterior dos autores.

Outro fator a se evidenciar é que a escrita está relacionada diretamente ao que se planeja produzir com os dados e também ao público que se pretende atender e socializar tais conhecimentos, além da questão inicial de pesquisa.

Seguindo estas condições considera-se que existe a necessidade, ainda, de produzir os textos dentro de uma estruturação acadêmica, a qual indubitavelmente favorece o melhor e mais objetivo entendimento sobre as investigações.

Por fim, a estrutura dos textos de caráter científico deve conter uma introdução (onde evidencia-se a importância da temática em questão e os seus problemas/problemáticas, fatores imprescindíveis à pesquisa), os objetivos (final e específicos), a metodologia (métodos e técnicas de pesquisa), objeto de estudo (categorias teóricas), os resultados (toda o desenvolvimento do que se propôs fazer e o seu cumprimento, pois compreende a parte mais importante da pesquisa), a conclusão (momento de personalizar a pesquisa e, de fato, externar todas a sua visão sobre a investigação) e, finalmente, as referências utilizadas para prover o desenvolvimento teórico/conceitual da pesquisa e, ainda, caso haja, os apêndices (documentos criados pelo pesquisador) e anexos (documentos, geralmente consistentes, que existem e servem para ratificar e credibilizar as citações feitas dentro da pesquisa). Enfatiza-se, aqui, que este relatório e, em especial, os seus provenientes artigos foi desenvolvido, orientado pela investigação qualitativa, um modelo único e inovador, não melhor nem pior, apenas diferente de qualquer outro padrão.

9.7 Etnografia

Etnografia é a vivência e convivência experienciada que evidencia a importância do conhecimento científico com o conhecimento do senso comum na busca da vida em sua plenitude.

Etnografia é um pouco de doação de ciência, de dedicação e de alegria, de vigor e de mania, de estudo e de atenção. Fazer Etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais (Mattos; Castro, 2011, p. 45).

Na sequência, algumas condições que apresentam a realidade nas pesquisas e ratifica a importância da etnografia para o empreendimento das ciências.

9.7.1 A condição real da Pesquisa

Inicialmente, considera-se interessante orientar esta epígrafe com o clássico sobre a temática. Pois, para Malinowski (1978) o etnógrafo é cronista e historiador ao mesmo tempo. Suas fontes de informações são, sem dúvida, muito acessíveis, mas também complexas (carregadas de particularidades dos contextos). Não estão baseadas em documentos materiais, mas na memória e comportamento humanos. E o tempo de estudo se faz fundamental.

Na etnografia, é frequentemente imensa a distância entre a apresentação final dos resultados da pesquisa e o material bruto das informações coletadas pelo pesquisador através de suas próprias observações, das

asserções dos nativos, do caleidoscópio da vida tribal. O etnógrafo tem que percorrer esta distância ao longo dos anos laboriosos que transcorrem desde o momento em que pela primeira vez pisa numa praia nativa e faz as primeiras tentativas no sentido de comunicar-se com os habitantes da região, até à fase final dos seus estudos, quando redige a versão definitiva dos resultados obtidos. (Malinowski, 1978, p. 23)

A sinergia com as principais referências, tanto da etnografia quanto da sociologia, doravante proporcionarão iniciar a fundamentação com a consistência necessária para melhor entender à inter-relação destas expressivas categorias. Portanto, para Corsaro (2011)

A etnografia é um método eficaz para estudar crianças porque muitos recursos de suas interações e culturas são produzidos e compartilhados no presente e não podem ser obtidos facilmente por meio de entrevistas reflexivas ou questionários. (p. 63)

Para se trabalhar as especificidades da geografia da infância e o protagonismo das crianças, especialmente no campo, a etnografia se apresenta como fim à observação dos contextos local e global e, ainda, como objeto as informações e os conhecimentos dos fatos socioambientais.

Primeiramente é importante situar a etnografia como uma maneira de apreender uma dada realidade e é preciso denominá-la corretamente em termos metodológicos. De acordo com Lopes (1990) há diferentes níveis de investigação numa pesquisa, a saber: o epistemológico, o teórico, o metódico e o técnico. No caso da etnografia tem-se um método

qualitativo que pode dispor de várias técnicas para sua execução, como por exemplos entrevistas, análise do discurso e observação participante.

Conforme Hine (2005), quando falamos em metodologia, estamos implicitamente falando sobre nossa identidade e os padrões segundo os quais nós desejamos que nosso trabalho seja julgado. As novas tecnologias tornam a questão mais interessante, fazendo-nos interrogar sobre nosso entendimento e compromisso metodológico (Pieniz, 2009, p. 45).

Segundo Corsaro (2011) método etnográfico normalmente é desenvolvido num trabalho de campo, o qual de modo geral tem uma duração considerável, porque a necessária aproximação com o contexto proporciona uma observação intensa.

A etnografia é calcada numa ciência, por excelência, do concreto. O ponto de partida deste método é a interação do pesquisador e seus objetos de estudo, “nativos de carne e osso” (Fonseca, 1999).

A essência da pesquisa etnográfica constitui-se no exercício de enxergar e também de escutar, assim proporcionando ao investigador a adequação ao interior do contexto empírico (ambiente pesquisado) de forma a deixar, naquele momento, a sua própria cultura e passar a vivenciar aquele território repleto de vida cultural.

O valor da observação prolongada está em o etnógrafo descobrir como é a vida cotidiana para os membros do grupo – suas configurações físicas e institucionais, suas rotinas diárias, suas crenças e seus valores e a linguística e outros sistemas semióticos que medeiam essas atividades e contextos (Corsaro, 2011, p, 63)

A investigação no campo que compreende este relatório não foi longa; todavia, conseguiu-se num curto espaço de tempo (dois meses) uma boa aceitação das crianças em seu próprio contexto. Tal situação diverge de Corsaro (2011) quando o autor considera que a relação e, sua consequente aceitação, origina-se do contato prolongado com as crianças, para assim ser aceito como participante. Talvez os diferentes contextos e culturas em que as crianças estão inseridas, produzem diferentes inserções em campo.

Uma importante característica da etnografia é que ela fornece um retorno contínuo, no qual as perguntas iniciais podem ser modificadas durante a investigação. Essa flexibilidade é acompanhada pela autocorreção, quando o etnógrafo procura suporte adicional para hipóteses emergentes, incluindo casos negativos, o que pode levar ao refinamento e à expansão das interpretações iniciais. (Corsaro, 2011, p. 66)

No concernente às constantes necessidades de mudanças, comuns às situações reais, durante o desenvolvimento das visitas e suas respectivas estratégias, considera-se um fator contingencial para aperceber-se de compreender o novo como um aliado fundamental para o desenvolvimento das investigações.

Enfim, tem-se por certo que a etnografia é um método muito estratégico para se investigar as crianças e integrar-se aos grupos e vivenciar às suas peculiaridades comuns. Assim, o pesquisador mostra-se como um componente aliado e menos indiferente possível do contexto que proporcionará que as pesquisas possam se desenvolver com mais naturalidade, de forma a causar o menor transtorno possível às atividades.

9.8 Pesquisas de Caso

9.8.1 Mergulhando no Campo e nos Fatos experienciados

As investigações no campo realizadas para prover mais organicidade e dinamismo para este estudo foram realizadas em duas Escolas Municipais do município de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro – Brasil (Figura - 0).

A primeira investigação, de caráter exploratório, foi realizada na Escola Municipal Julia Cortines, localizada na Rua Lopes Trovão, s/nº, no bairro de Icaraí, Niterói. Bairro da zona sul da cidade que compreende uma população de renda média, entretanto, também possui algumas comunidades carentes.

A segunda investigação, também de caráter exploratória, porém compreendendo uma dimensão maior, especialmente para o empreendimento de futuras pesquisas sobre os atores ativos e proativos tão necessários para o desenvolvimento sustentável das gestões educacionais contemporânea.

Por fim, ratifica-se que os registros de algumas atividades durante as investigações foram convertidos e materializados em figuras (1, 2, 3, 4, 5 e 6) que podem ser observadas na sequência, embora apenas por amostragem e, ainda, em artigos científicos já inseridos neste livro.

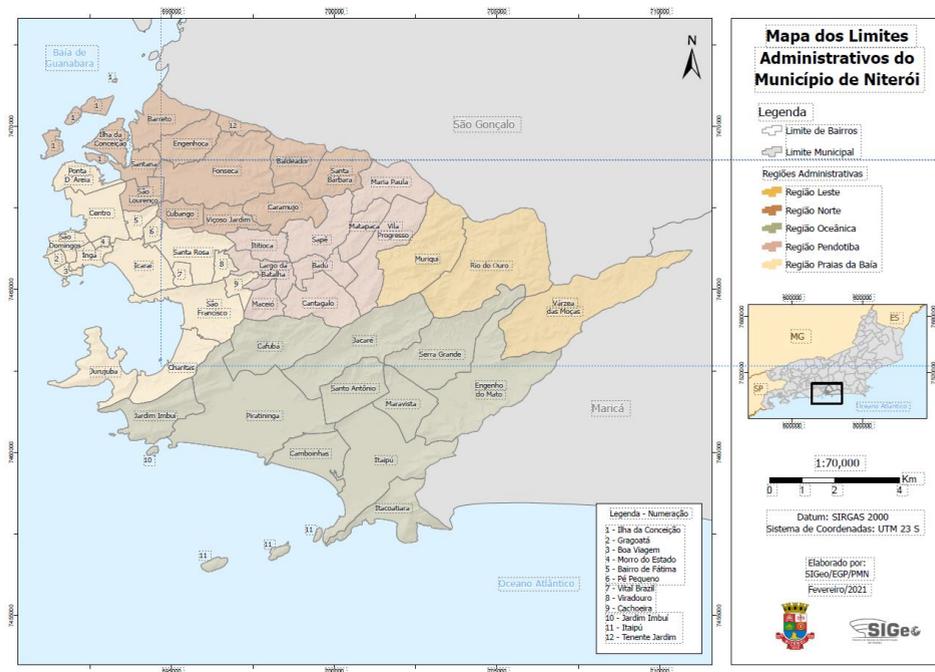


Figura 0 – Mapa com os bairros que possuem as Unidades de Educação Infantil (UMEI) do Município de Niterói – RJ.

Fonte: <https://www.sigeeo.niteroi.rj.gov.br/pages/mapas>



Figura 1 – O espaço (prédio) da Escola - UMEI Geraldo Menezes.

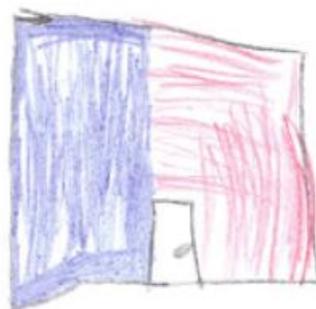


Figura 2 – O desenho de uma criança sobre o Espaço da Escola.



Figura 3 – O espaço externo para atividades lúdicas, recreativas e de aprendizagem.



Figura 4 – O desenho de uma criança sobre o Espaço da Escola que mais gosta.

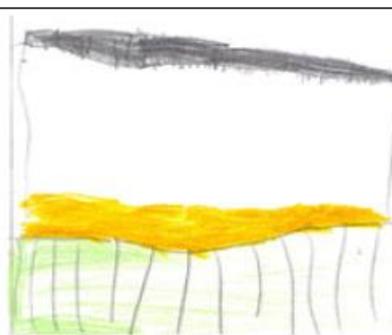
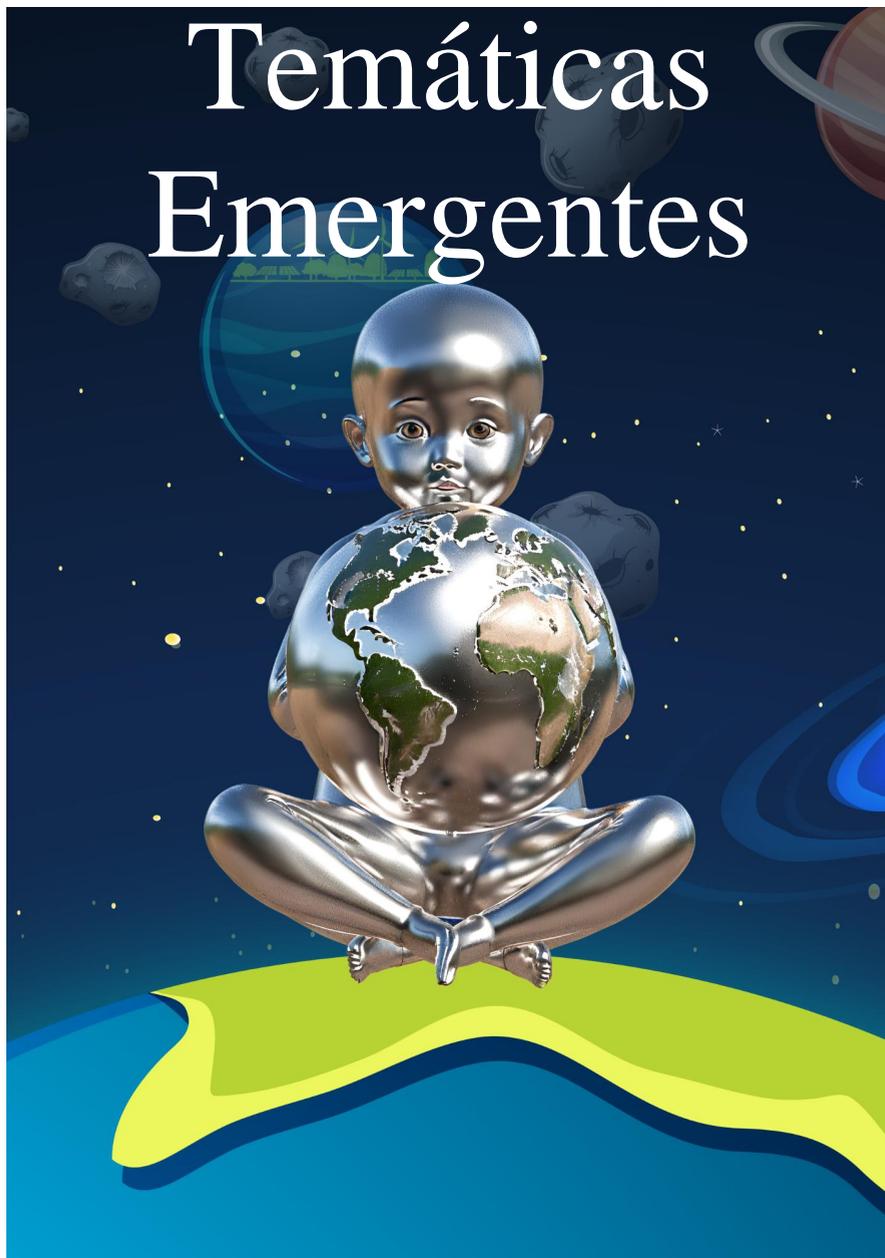


Figura 5 – O desenho de uma criança sobre o Espaço que deveria ter na Escola.



Figura 6 – O espaço que a escola tem que se relaciona com sustentabilidade.



10. Temáticas Emergentes

Entende-se por categorias emergentes nesta investigação, as temáticas que estão inquietando as lideranças mundiais e todos os gestores, em níveis local e global, diante das iminentes problemáticas socioambientais do planeta.

Dessa maneira, as categorias que serão objetos de inter-relação às investigações vem ocupando as primeiras páginas dos tabloides, de todos os tipos, em todos os países e em todas as áreas. Estas temáticas são: sistema de gestão integrada, “a sustentabilidade e a responsabilidade socioambiental” (Marujo, 2011).

Considera-se que tais proposições favorecerão as reflexões sobre as investigações sobre a educação, especialmente, a educação infantil tão necessária para reorientar o desenvolvimento das instituições educacionais e, conseqüentemente, da sociedade contemporânea. Pois, considera-se que tal reorientação passa pela necessidade de se rever a condição de ser e estar no mundo e para o mundo.

10.1 Sistema de Gestão Integrada (SGI)

Combinação de processos, procedimentos e práticas utilizados em uma organização para implementar suas políticas de gestão e que pode ser mais eficiente na consecução dos objetivos oriundos delas do que quando há diversos sistemas individuais se sobrepondo. (De Cicco, Fantazzini, 2004, p. 18)

As maiores organizações locais e globais que estão orientado o mercado, norteador da sociedade, vem implantando um sistema de gestão

capaz de ser mais responsivo e proativo para com as constantes necessidades do mundo globalizado, onde a efervescência dos conhecimentos se superam de forma inimaginável.

Frosini e Carvalho (1995) conceitua um sistema de gestão como o conjunto de pessoal, recursos e procedimentos, dentro de qualquer nível de complexidade, cujos componentes associados interagem de uma maneira organizada para realizar uma tarefa específica e atingem ou mantêm um dado resultado.

O Sistema de gerenciamento integrado empreende responsiva e proativamente a integração interdependente de todos os sistemas e processos de uma organização numa concepção de unidade, permitindo que a organização funcione organicamente com objetivos comuns.

Nessa perspectiva, busca-se mostrar aos gestores educacionais ferramentas emergentes capazes de favorecerem a compreensão sobre conceitos e visão mais ampliada sobre o sistema de gestão integrado. Assim, mostrar as possibilidades de aplicação das ferramentas e estratégias metodológicas inerentes à gestão empresarial, como subsídio estratégico às tomadas de decisões.

]Um desses sistemas busca a maior integração de toda a organização. É o Sistema de Gestão Integrada (SGI) que é uma combinação constante e simultânea de processos, procedimentos e práticas adotadas e desenvolvidas por uma organização, com o objetivo de implementar suas políticas e conseguir novos objetivos de maneira mais eficaz e eficiente do que por variados sistemas de gestão.

Nessa direção, os processos proporcionam a integração da gestão capaz de permitir a total integração de forma interdependente e

consequentemente mais eficiente, nos processos operacionais das organizações, referentes variados inerentes à qualidade, do desempenho socioambiental, da segurança e saúde ocupacional e da responsabilidade empresarial socioambiental.

Entende-se que estratégias vêm se fazendo extremamente necessárias para todas as áreas das organizações e às suas respectivas especificidades para o seu melhor desenvolvimento.

Os objetivos básicos do sistema de gestão são o de aumentar constantemente o valor percebido pelo cliente nos produtos ou serviços oferecidos, o sucesso no segmento de mercado ocupado (através da melhoria contínua dos resultados operacionais), a satisfação dos funcionários com a organização e da própria sociedade com a contribuição social da empresa e o respeito ao meio ambiente (Junior, 1998, p. 15)

Daí, a necessidade interagir com proposições emergentes de maneira as utilizá-las como alternativas para se manter num mercado cada vez mais competitivo e em constante evolução. Assim entender que a visão e orientação para o risco fomentam, necessariamente, a prevenção e também a facilitação do entendimento da integração dos sistemas de gestão às contingências.

Não obstante, na concepção dos procedimentos operacionais do Sistema de Gestão Integrado faz-se importante ser mantido foco no objetivo do processo e que se mantenha ativo e ao mesmo tempo atento para não burocratizar o sistema, com a criação de controles e situações desnecessárias, que não agregam valor ao processo e ao sistema.

Para tanto, o satisfatório funcionamento e seu progressivo desempenho e a prospecção no negócio carecem que todas as atividades inter-relacionadas estejam funcionando de maneira interdependente, capaz de prover mais organicidade e dinamismo ao sistema, ainda, que sejam compreendidas e gerenciadas fundamentadas numa visão de processos.

Dessa forma, há uma necessidade de se adequar e implantar diversas normas. Tal diversidade para o sistema de gestão de processos para o ambiente interno buscam tratar de processos dependentes sobre variantes expressivas, como: sustentabilidade, saúde, qualidade, ambiente, segurança ocupacional e responsabilidade socioambiental (Druicker, 2000). Portanto, por intermédio de um sistema de gestão integrado, o qual deve ser previsto e provisionado para funcionar de forma, necessariamente, interdependente e dinâmica para possibilitar a organização adotar uma compleição total dos seus processos internos, condição que propiciará a obtenção de certificação mediante uma auditoria.

Diante da exposição, a relevante proposta e sua funcionalidade às organizações, passam a ser entendidas como condições importantes para serem implementadas numa gestão educacional. Isto, por se considerar uma gestão necessária de ser mais integrada, porquanto o seu processo produtivo ser, as estratégias processuais, possíveis de produzir conhecimentos; logo, esta integração indubitavelmente favorecerá o processo formativo.

Em um sistema educacional sustentável a gestão de inter-relacionar as ações de maneira necessariamente interdependentes,

embora territorialmente dispersas em variados setores e áreas, o sistema deve convergir suas funções para um mesmo conjunto. Logo, o diretor(a) deve planejar com o coordenador(a), com os professores(as), funcionários(as), estagiários(as) e alunos(as) de maneira que todos entendam suas funções e, especialmente, suas necessárias funções no desenvolvimento da gestão.

Acredita-se que o sistema de gestão integrado é um processo necessário às organizações atuais, independente de seu *core business* (À organização é a parte vital do seu negócio ou de uma de suas áreas, portanto, entendida como condição estratégica para o seu desenvolvimento sustentável). Assim, propõe-se que as instituições educacionais possam compreender tal importância a fim de manterem-se mais propensas às necessárias mudanças demandadas pela era da informação.

10.2 Sustentabilidade

O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades. (Nosso Futuro Comum, 1987, p. 34)

Sob uma visão mais generalizada, se propõe que o profissional da educação deste século seja um profissional responsivo e proativo capaz de refletir mais sobre a sua forma de pensar, conseqüentemente, para mudar a sua forma de agir, mas sempre norteado pelas dimensões da

sustentabilidade as quais compreendem as expressivas variáveis: Ambiental, Econômica, Cultural, Política e Social.

Sob esta orientação, busca-se uma maior visibilidade com a constante expectativa de redimensionar intensamente a inter-relação dos ambientes: endógeno e exógeno. Assim sendo, favorecer a sustentação e a integração das referidas variantes, as quais possibilitarão o fortalecimento do desenvolvimento local com simultânea prospecção global (Sachs, 2000; Sachs; Vieira, 2007).

Dentro dessa visão, nesse momento apresentam-se as tendências da sustentabilidade e suas respectivas dimensões, as quais estão fundamentadas nas políticas institucionalizadas que norteiam o desenvolvimento sustentável numa dimensão global (Onu-Wecd, 1987; Mckeown, 2002; Ibge, 2008; Fgv-Ise, 2008):

Sustentabilidade Ambiental: A rica diversidade do meio ambiente natural é um elemento básico para se obter um ecossistema estável; sistema de produção que respeite a obrigação de preservar a base ecológica para o desenvolvimento; a ideologia ambiental, fundamentada em valores ético-morais, é capaz de promover a transformação ambiental; devemos aprender a amar e cuidar das questões ambientais a partir de nossas práticas; a humanidade depende dos produtos e serviços fornecidos pelos ecossistemas; a proteção e restauração dos ecossistemas terrestres tornam-se um desafio importante; a limitação de poluentes na atmosfera contribui para se combater as mudanças climáticas nocivas; a globalização e a democratização aumentaram a importância das cidades repensarem a preservação ambiental; a prudência ecológica é um dos princípios da ética e do desenvolvimento ambiental.

Sustentabilidade Econômica: A intensa busca da sustentabilidade requer grandes mudanças nas relações econômicas internacionais; o sistema econômico deve ser capaz de gerar excedentes e conhecimentos técnicos sobre as atividades de sustento e autossuficiência; o sistema internacional deve promover padrões sustentáveis de comércio e finanças; as questões ambientais estão atreladas ao desenvolvimento econômico; o crescimento econômico é o maior componente do desenvolvimento; com o crescimento da economia, intensificam-se as pressões sobre os sistemas e recursos naturais da Terra; viabilização de ações mais efetivas e combinadas com o objetivo de deter os efeitos da globalização; o crescimento econômico deve desenvolver-se, mas não em detrimento socioambiental; a sustentabilidade deve estimular a tomada de consciência equilibrada das forças econômicas e financeiras; as empresas devem adotar práticas comerciais mais transparentes e responsáveis; a busca pela equidade econômica deve se tornar o ponto central do elemento econômico.

Sustentabilidade Cultural: As práticas culturais educacionais e as atitudes dos professores são fundamentais para o aumento da compreensão do ambiente e suas ligações com o desenvolvimento; a educação ambiental deve ser incluída e executada por todas as disciplinas da educação formal em todos os níveis; a rica diversidade do ambiente educacional é um elemento básico para se obter um sistema propenso à constante evolução; a educação deve permitir aos seres humanos a percepção do seu potencial, a obtenção da autoconfiança e uma vida plena de dignidade e satisfação; a educação nos proporciona consistências nos modos de ser, de se relacionar, de acreditar e de agir

em consonância com distintos contextos; proporcionar às pessoas conhecimentos e/ou saberes necessários para fazer valer seu direito de viver em um ambiente sustentável; uma contextualização educacional sustentável procura construir competências e valores para que haja paz na mente das gerações presentes e futuras; na educação está a esperança capaz de estimular a mudança de comportamento e a cooperação necessária para a promoção da sustentabilidade.

Sustentabilidade Política: O desenvolvimento deve ter um sistema político que assegure a efetiva participação dos cidadãos na tomada de decisão; as questões políticas direcionam estrategicamente o desenvolvimento social, econômico, educacional e ambiental; as políticas governamentais em níveis local, nacional e global devem promover o desenvolvimento sustentável de forma a possibilitar a transparência, a plena expressão das opiniões, debates livres e a ampla formulação de políticas; a prudência política deve ser um dos princípios da ética do desenvolvimento da sociedade; as normatizações governamentais devem controlar o consumo dos recursos naturais de maneira sustentável; a implementação de políticas que promovam o desenvolvimento de técnicas adequadas e tragam equilíbrio entre a capacidade da natureza e as necessidades de uso pelas pessoas deve ser constantemente revista; promover uma política nacional para a integração de desenvolvimento e conservação é garantir uma base de informação e de conhecimento, leis e instituições, políticas econômicas e sociais coerentes.

Sustentabilidade Social: Uma boa saúde é à base do bem-estar humano e da condição de ser um ser humano melhor, tanto pessoal quanto social e profissionalmente; a qualidade de vida de uma sociedade é um conceito

que representa o desenvolvimento de sua população; o respeito pelos direitos humanos é condição imprescindível para a sustentabilidade; a igualdade de gêneros numa perspectiva generalizada deve ser pensada com o objetivo de buscar a sustentabilidade de forma que cada membro da sociedade respeite os outros e exerça o seu papel de realizar-se plenamente; sociedade saudável e o meio ambiente seguro são pré-condições importantes para que haja desenvolvimento social sustentável; as questões sociais estão atreladas ao desenvolvimento do ambiente econômico; melhoria da qualidade de vida é o verdadeiro objetivo do desenvolvimento social; a responsabilidade social necessita de uma solidariedade global.

Nesse dimensionamento, projeta-se no pensamento sistêmico, fundador do conhecimento ambiental, o qual pode ser melhor apreendido e capaz de empreender de maneira mais consistente uma certa contextualização socioambiental baseando-se na sensibilização oriunda da sustentabilidade (Merleau-Ponty, 1964; Marujo, 2011).

Ver o todo nas partes e vice-versa, discernir a rede de relações presentes nos ambientes naturais e construídos pela humanidade abre caminho para uma reflexão mais abrangente e inclusiva das questões humanas e ambientais. Cultivar um pensamento dialógico que busca reunir preservando a diferença.

Essa nova forma de olhar o mundo pressupõe que se leve em conta relações, encadeamentos, complementaridades, oposições, contextos, ritmos e significados presentes no real cotidiano (Catalão, 2002, p. 87).

Diante da exposição, considera-se relevante a sinergia – gestão e sustentabilidade – como uma potencialização inquestionável para a desenvoltura ética da sociedade global. Além disso, com a proposição desta integralização intrínseca à educação espera-se a melhoria da defesa e da preservação de uma educação infantil mais ambientável, empreendedora e factível de contribuir com uma desenvoltura socioambiental, realmente, sustentável e satisfatória às gerações presente e futuras.

Portanto, a sustentabilidade deve prever e prover à educação infantil subsídios suficientes e necessários de forma que o empreendedorismo possa ser entendido como ferramenta estratégica sustentável capaz de promover o constante desenvolvimento sustentável e a consequente responsabilidade socioambiental tão necessária à melhoria da sociedade global.

Enfim, ratifica-se que a sustentabilidade não é apenas uma necessidade para o desenvolvimento da sociedade local/global, mas, sim, uma questão de sobrevivência.

10.3 Responsabilidade Socioambiental

A responsabilidade socioambiental (RSA) precisa cada vez mais estar orientada pelas expressivas variáveis contemporâneas – humanizar, sustentabilizar e inovar – como fator integrador e potencializador do redimensionamento da responsabilidade e do consequente comprometimento com o ambiente em sua totalidade, onde somos parte ativa e proativa, o qual empreende uma formação humana integral,

instituições aprendentes na contínua busca por ecossistemas locais e global mais justos, dignos e melhores para tudo e para todos, sobretudo porque estamos convivendo com um ecossistema fragilizado e necessitado das nossas progressivas e disruptivas ações socioambientais.

A responsabilidade socioambiental “é uma postura ética permanente das empresas no mercado de consumo e na sociedade”. Muito mais que ações sociais e filantropia, a responsabilidade social deve ser o pressuposto e a base da atividade empresarial e do consumo. Engloba a preocupação e o compromisso com os impactos causados a consumidores, meio ambiente e trabalhadores; os valores professados na ação prática cotidiana no mercado de consumo, refletida na publicidade e nos produtos e serviços oferecidos; a postura da empresa em busca de soluções para eventuais problemas e na transparência nas relações com os envolvidos nas suas atividades. (Naime, 2024, p. 1).

A Responsabilidade Socioambiental provém de uma considerável demanda social que geralmente está inter-relacionado ao mercado. Mercado este que os consumidores passam a delimitar a escolha de seus produtos em conformidade com a responsabilidade das instituições numa dimensão social e ambiental local e global.

A Responsabilidade Socioambiental sinliza todo o compromisso de empresas que atuam na vanguarda, sempre buscando atender à crescente conscientização da sociedade globalizada, onde os mercados estão instáveis e incertos. A nossa responsabilidade está em rever todo o produtivo e os padrões de consumo vigentes de tal modo que o desenvolvimento das empresas não seja alcançado a qualquer preço; mas

tentado mitigar os variados impactos sociais e ambientais relacionados à toda atuação organizacional.

A sustentabilidade pretende refletir uma política e estratégia de desenvolvimento econômico e social contínuo, sem prejuízo do ambiente e dos recursos naturais, de cuja qualidade depende a continuidade da atividade humana e do desenvolvimento. (Beni, 2008, p. 2)

A inter-relação entre a sustentabilidade e a responsabilidade socioambiental é bastante complexa, especialmente por integrar variantes emergentes da atualidade. Em geral, as investigações mostram que a educação/administração se faz presente na história da sociedade sempre criando fusões promissoras; assim, espera-se desta aproximação uma integração.

Ver o todo nas partes e vice-versa, discernir a rede de relações presentes nos ambientes naturais e construídos pela humanidade abre caminho para uma reflexão mais abrangente e inclusiva das questões humanas e ambientais. Cultivar um pensamento dialógico passa a ser estratégico porquanto proporcionar a integração e a importante preservação das diferenças.

Essa nova forma de olhar o mundo pressupõe que se leve em conta relações, encadeamentos, complementaridades, oposições, contextos, ritmos e significados presentes no real cotidiano. (Catalão, 2002, p. 87)

Além disso, a responsabilidade socioambiental deve gerar bons resultados para a sociedade de forma a promover a constante interação

política com objetivo de fomentar o desenvolvimento. Ainda, consolidar estratégias socioambientais comprometidas com o desenvolvimento sustentável, o respeito aos distintos ecossistemas e à dignidade humana (Demajorovic, 2003).

Numa prospecção integradora, mais orientada pela responsabilidade observa-se que a integração das relevantes temáticas - sustentabilidade e responsabilidade socioambiental - está sendo objeto de preocupação devido ao desenvolvimento de ações variadas na sociedade moderna.

A sustentabilidade é uma realidade concreta de desenvolvimento pelo fato de congregar inúmeras variáveis sociais. Estas variáveis – políticas, sociais, econômicas, ambientais e culturais - vêm fazendo com que os projetos e programas se redimensionem e se desenvolvam com maior propriedade.

Por certeza, a sustentabilidade deve se desenvolver aliada com a importância da disseminação da maior conscientização socioambiental, fundamentada na responsabilidade e comprometimento socioambiental com o ser humano e com o planeta.

Por fim, considera-se indispensável pensar numa educação que contemple o desenvolvimento de forma que todas as supracitadas variáveis da sociedade possam, integralmente, compor as necessidades de um crescimento mais equilibrado e, conseqüentemente, proporcionar melhores condições e qualidade de vida para todos.

Software de Gestão Sustentável para a Educação Infantil



11. Software de Gestão Sustentável para a Educação Infantil

Inicialmente, registra-se que o “Software de Gestão Sustentável para a Educação Infantil” é proveniente de um projeto de pesquisa que busca empreender uma cultura sustentável à Educação Infantil, justamente, por entender que as crianças, em sua essência, são as verdadeiras protagonistas da educação e capazes de promover uma Educação de qualidade para todos.

O desenvolvimento deste projeto obteve o apoio e financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ); assim como, foi amplamente publicizado através de livros, artigos, ANAIS, inclusive do Congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) no ano de 2017.

Nessa perspectiva, a proposição de uma educação Infantil sustentável necessita de uma gestão responsiva às suas demandas, até porque a gestão sempre se mostrou necessária às sociedades e, certamente, para a educação também se converte em uma condição estratégica para sua evolução contínua.

A educação é a base propulsora para o desenvolvimento, principalmente a educação infantil que é a base da base, para que essa condição se concretize e continue necessariamente de forma orgânica e dinâmica para a sua desenvoltura.

Sendo assim, entende-se que este é um problema obstaculizador para a melhoria do sistema educacional, pois a ausência de gestão e visão sustentável fragiliza todo o provimento de uma performance empreendedora indispensável à educação.

Esta pesquisa teve como objetivo criar um software de gestão sustentável para a Educação Infantil no Estado do Rio de Janeiro, especialmente, por entender a educação como aliada fundamental para a desenvoltura da sociedade do conhecimento.

Por certeza, considera-se que tais condicionantes estão consonantes com todas as emergentes políticas, programas e mobilizações globais para se prever e prover uma sociedade melhor para tudo e para todos.

Na era da tecnologia onde as informações são incontroláveis e pouco convertidas em conhecimentos não podemos mais deixar de aliar às inovações aos produtos, serviços e conhecimentos potencias capazes de favorecerem a melhoria da base da sociedade: a educação.

Nessa diemensão, a gestão e a sustentabilidade tornam-se necessárias e fundamentais na busca de novas estratégias para a promoção de ações e/ou atividades educacionais mais interativas, de forma que todos os seus protagnistas (Governos, Escolas, Diretores, Coordenadores, Professores, Pais e/ou Responsáveis e Comunidades) cada vez mais se integrem em prol de melhores aternativas e possíveis soluções para o sistema educacional e sua contínua desenvoltura.

A gestão, a partir de suas áreas funcionais – pessoal, logística, finanças, marketing e Pesquisa e Desenvolvimento - e a sustentabilidade, a partir de suas dimensões – política, social, econômica, ambiental e cultural - se mostram importantes e indispensáveis para se repensar um sistema de gestão educacional integrado factível de ser mais responsivo às iminentes demandas do mundo globalizado (MARUJO, 2013; 2015).

A adequação da gestão e da sustentabilidade em suas dimensões com a tecnologia, bem abrangentes e associadas, visa promover uma nova cultura educacional onde a sinergia do sistema contribuirá com o recrudescimento de uma nova cultura educacional fazendo da inovação uma expressiva aliada para o empreendimento da educação.

Nessa perspectiva, a justificativa desta pesquisa centra-se na criação de novas tecnologias e inovações, diante da ausência de possibilidades de integração da gestão educacional com a sustentabilidade, a fim de proporcionar uma gestão mais integradora sustentável inovadora e responsável com o ambiente em sua totalidade.

Assim, buscou-se modelar um software com potencialidades operacionais variadas e para simples e fácil utilização; assim se tornando bem complexo no cruzamento contínuo de informações inerentes ao sistema de gestão e sustentabilidade (MORIN, 2013) e ao mesmo tempo bem objetivo em suas aplicabilidades.

Acredita-se que tais condições possam propiciar uma melhor interação dos atores, protagonistas necessários, para o empreendimento de todas as suas especificidades para uma educação infantil colaborativa porquanto sua promoção ser efetivada por tudo e para todos.

Portanto, ratifica-se que o objetivo da pesquisa foi criar um software de gestão sustentável para a Educação Infantil no Estado do Rio de Janeiro, sobretudo para contribuir com o empreendimento de uma educação infantil empreendedora orientada pela sustentabilidade.

Metodologia

Esta metodologia evidencia a importância da não exclusão de métodos para o desenvolvimento da pesquisa. Pois, considera-se que a integração de métodos de pesquisa e suas variadas técnicas contribuem bastante, a partir de suas especificidades, para se encontrar novidades significativas para a composição de produtos inovadores (VERGARA, 2016).

Sendo assim, o seu percurso metodológico se apropriou da pesquisa bibliográfica, grupo focal, entrevistas e questionários, condições que se constituíram em condicionantes relevantes à apreensão de dados e informações necessárias para composição do software em questão.

Cabe registrar que a metodologia se apropriou de uma amostragem teórica (GLASER; SATRAUSS, 1967). Esta proposição ainda nos permitiu avançar mais consonante com a proposta do Projeto no que concerne a uma taxonomia mais objetiva sobre a Gestão Sustentável, em especial, diante de pouco aporte financeiro para o desenvolvimento da pesquisa.

Pois, esta amostragem foi utilizada para descrever o processo de escolha para novos campos de pesquisa ou novos casos de pesquisa para comparar com algum outro que já tenha sido estudado. Esta é uma das ferramentas da pesquisa qualitativa. Logo, o seu objetivo não é o mesmo da amostragem probabilística; o objetivo do pesquisador não é uma captação representativa de todas as possíveis variações, mas para obter um entendimento mais profundo dos casos analisados e para facilitar o desenvolvimento de frames analíticos e conceitos usados na investigação.

Os procedimentos foram sendo implementados no decorrer das investigações. Após estudos para se apropriar do estado da arte sobre os temas, especialistas em gestão definiram as características necessárias de suas áreas funcionais, da mesma forma, especialistas em sustentabilidade definiram as suas características necessárias.

Na sequência, a realização de grupos focais em oito municípios do Estado do Rio de Janeiro com importantes atores (Secretários de Educação, Superintendentes, Diretoras de Escolas, Coordenadoras Pedagógicas e Professoras), representando suas regiões - Metropolitana, Noroeste Fluminense, Norte Fluminense, Baixadas Litorâneas, Serrana, Centro-Sul Fluminense, Médio Paraíba e Costa Verde. (CEPERJ, 2015, p. 1) – que possibilitaram entender melhor algumas características locais sobre os temas para se pensar o local e o global.

Todas essas condições somente foram possíveis a partir de um contato prévio com as Secretarias de Educação, onde foram enviados a documentação de comprovação que se tratava de uma pesquisa FAPERJ, de um release do projeto e, ainda, de um questionário que orientaria todas as atividades presenciais.

Ademais, sinaliza-se que nesse percurso metodológico o grupo focal foi adotado como estratégia para apreensão de informações. Em consonância com Morgan (1997), o grupo focal é uma proposta multi-métodos qualitativos, o qual integra seus resultados com os da observação participante e da entrevista em profundidade.

Compreende-se a relevância do supracitado grupo e todas as suas características e peculiaridades, como fonte interessante para a apreensão das características necessárias para complementação das áreas funcionais

da gestão e das dimensões da sustentabilidade, para a base de dados para composição do modelo de software.

As variadas informações apreendidas pelos diversos profissionais proporcionaram trabalhar com métodos e técnicas de pesquisas variadas. Mas, corrobora-se que o grupo focal foi a principal técnica para apreensão das informações necessárias sobre a gestão e sustentabilidade de Escolas de Educação Infantil para criação do software.

Resultados

À guisa da conclusão, ratifica-se que o resultado efetivo da pesquisa foi à concretização do seu objetivo real, ou seja, a criação de um software de gestão sustentável para a Educação Infantil.

O software foi customizado para este nível da educação com a intenção de proporcionar um tratamento à gestão educacional mais empreendedora na busca de formar cidadãos cada vez mais resilientes, proativos e competitivos.

Os resultados também mostram a integração do software e sua capacidade de contribuir para o desenvolvimento de uma educação na perspectiva da sustentabilidade, condição provedora da responsabilidade socioambiental, no favorecimento da promoção de ações mais responsáveis e comprometidas com a sociedade contemporânea que tanto precisa mitigar as ações que fragilizam progressivamente o ecossistema global..

Conclusões

Conclui-se que na era da informação e globalização, a gestão, a tecnologia e a inovação devem se converter numa "unidade estratégica" para o empreendimento de uma cultura sustentável inovadora para o desenvolvimento da educação na contemporaneidade capaz de atender todas as suas demandas.

Dessa maneira, acredita-se que o software de gestão sustentável para a Educação Infantil proporcionará o desenvolvimento de uma cultura de sustentabilidade a partir deste importante nível de ensino.

Finalmente, deseja que o software seja importante à promoção e integração, enquanto fluxo contínuo de informações, das áreas da gestão com a sustentabilidade em todas as suas dimensões, condição que não vinha sendo pensada para o empreendimento estratégico da educação.

Liderança: pensar e agir sustentável inovador à Educação



12. Liderança: pensar e agir sustentável inovador à Educação

Há tempos, observa-se que a educação está sistêmica, complexa e conectada com a sociedade do conhecimento; porém, esta educação estratégica precisa de mais liderança para lidar com todas as demandas da era da informação. Deseja que na educação predomine a liderança platônica, daquele que governa não por desejo de poder, mas pelo amor à sabedoria e à verdade

Sob o prisma da liderança educacional fundamentada na sustentabilidade e na inovação que se deseja compartilhar reflexões sobre estratégias factíveis de propiciar que a educação se concretize em aliada importante para buscar a democracia, sobretudo baseado na complexidade que deve gradativamente impulsionar o ecossistema global; embora, necessite sempre de novas lideranças e alternativas capazes de nortear o seu desenvolvimento de forma mais sustentável e inovadora.

A educação precisa se integrar à sustentabilidade para o seu constante desenvolvimento, isto porque a sustentabilidade está baseando toda desenvoltura das políticas globais, condições que favorecem o fortalecimento das lideranças e sua contínua evolução.

No mundo contemporâneo, a sustentabilidade e a inovação vêm norteadando todas as políticas locais e globais. Por certeza, tornam-se aliadas fundamentais e indispensáveis para a melhoria do ecossistema global e assim cada vez mais vem-se compreendendo as suas expressividades para uma formação humana integral, para uma reestruturação e redimensionamento socioambiental.

Numa perspectiva humanista, considera-se que a verdadeira sustentabilidade é humana, ou seja, a sustentabilidade precisa estar no próprio ser humano, porque somos nós que precisamos ser, estar e vivenciar a sustentabilidade em sua plenitude a fim de se tornar, progressivamente, mais humano e agentes humanizadores em sua essência e transcendência.

A sustentabilidade está no ser, no ser humano, que é a verdadeira fonte de sustentabilidade. Sem dúvida, é o principal agente capaz de contribuir para a transformação do planeta. Pois, resgatar o ser humano para ser o verdadeiro protagonista de todo processo empreendedor de ações orientadas pela sustentabilidade em suas dimensões. (Marujo, Galdino, 2022, p. 14)

Assim como, numa perspectiva tecnológica a inovação torna-se o agente de transformação contínuo à educação, onde a disrupção demanda iminentemente à proposição de ações ousadas e criativas possíveis de manterem em ascensão o nível de responsividade e proatividade capaz de corresponder às incontroláveis demandas do mercado globalizado que está insustentável.

Considera-se que desta forma se conseguirá, a partir de ações de sensibilização para possível conscientização, conhecer melhor o que as pessoas pensam sobre estas expressivas e emergentes temáticas, especialmente para se contribuir com a mudança de pensamento, porque somente o pensamento orienta as ações; logo, o pensar sustentável orientará ações sustentáveis inovadoras. Dessa maneira, favorecendo o empreendimento de uma cultura educacional fundamentada na

sustentabilidade e na inovação como condição provedora de responsabilidade socioambiental.

Há tempos, a sustentabilidade se materializa no reconhecimento necessário às mudanças e transformações de paradigmas, tanto à educação quanto à sociedade, mais evidenciadas nas condições socioeconômicas que sempre nortearam o crescimento das sociedades, inclusive sempre lidando com alternativas negativas e não conseguindo superar as suas questões deficitárias e insustentáveis.

Na sociedade do conhecimento em que a sustentabilidade nos conclama para pensarmos globalmente para (re)pensarmos e agirmos localmente faz-se necessário estarmos preparados para lidar com todas as suas transformações, incertezas e inseguranças, as quais nos proporcionam lidar mais cuidadosamente com as suas intensas situações problematizadoras, as quais precisaremos também continuamente convertê-las em oportunidades.

Numa perspectiva pragmática, torna-se uma exortação se compreender a sustentabilidade como questão necessária e indispensável para nos fazer encontrar alternativas para sairmos da zona de descontentamento e passarmos à promoção de zonas mais instáveis e seguras, as quais nos propiciarão uma satisfação vivencial a fim de desenvolvermos uma vivência e convivência mais solidária e comprometida com os outros e com o todo.

Doravante, torna-se uma exortação compreender a sustentabilidade, necessária e simultaneamente a partir de suas dimensões – política, social, econômica, ambiental e cultural – como condicionante orgânica e dinamizadora capaz de se torná-la uma fonte prospectora de políticas

estratégias indispensáveis para o desenvolvimento humano e socioambiental (Marujo, 2021).

Na sequência, apresentam-se as variáveis que integram as supracitadas dimensões da sustentabilidade, inclusive interagindo com alguns Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), os quais na atualidade orientam as políticas dos países membros das Nações Unidas e que vêm demandando as estratégias para o desenvolvimento sustentável global.

Sustentabilidade Política

A sustentabilidade política objetiva mostrar o quanto a questão política é necessária e premente à educação, logo se convertendo em fator preponderante para o empreendimento de uma vida socioambiental mais prospectiva, principalmente numa sociedade que tanto carece de cuidar do seu fragilizado ecossistema global. É justamente a política, a área mais estratégica à promoção das demais dimensões da sustentabilidade em prol da educação enquanto cultura imprescindível para o desenvolvimento humano integral.

Em nível mundial são as políticas fundamentadas na sustentabilidade, institucionalizadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pelas suas Agências, que tanto vêm impulsionando e redirecionando todos esses movimentos vislumbrando um mundo melhor, com mais dignidade, mais igualdade e justiça para todos.

Em se tratando do desenvolvimento para as gerações presente e futuras, no ano de 2015 a ONU através do Programa da Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) lança os Objetivos de

Desenvolvimento Sustentável objetivando contribuir para o desenvolvimento sustentável global.

Pois, esta proposição compõe a Agenda 2030. Esta Agenda é um plano de ação para as pessoas, para o planeta e para a prosperidade. Ela também busca fortalecer a paz universal com mais liberdade. Reconhecemos que a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é o maior desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável (Brasil, 2015).

Todos os países e as partes interessadas, atuando em parceria colaborativa, implementarão este plano. Estamos decididos a libertar a raça humana da tirania da pobreza e da penúria e a curar e proteger o nosso planeta. Estamos determinados a tomar as medidas ousadas e transformadoras que são urgentemente necessárias para direcionar o mundo para um caminho sustentável e resiliente. Ao embarcarmos nesta jornada coletiva, comprometemo-nos que ninguém seja deixado para trás (Brasil, 2015).

Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e 169 metas visam demonstrar a escala e a ambição desta nova Agenda universal. Tais objetivos buscam concretizar os direitos humanos de todos e alcançar a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres e meninas. Eles são integrados e indivisíveis, e equilibram as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental (Brasil, 2015).

O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável, o ODS 2 - “Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e

promover a agricultura sustentável” nos proporciona refletir o quanto as políticas foram ineficazes e ineficientes. Realmente este objetivo evidencia a triste herança dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio (ODM - Objetivo 1), é a maior inquietação da ONU e de seus países membros porquanto se deparar com a ausência de políticas eficazes e eficientes capazes de serem efetivadas em benefício de tudo e de todos, assim se revertendo em preocupantes causas das problemáticas socioambientais.

ODS 9 - “Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação”. Esta resiliência está associada às políticas, de Estado e não de Governo, e meios específicos para o desenvolvimento institucional e industrial e de atividades que integrem a inovação como aliada importante para o desenvolvimento e sua sustentabilidade.

ODS 11 - “Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis”. São condições preocupantes que se fundamentam em estratégias políticas, até mesmo enquanto objetivo, isto por ampliar bastante o conceito de lugar e moradia de forma muito diversificada, o que realmente são fatos; mas ao mesmo tempo mostra uma certa aceitação por situações tão opostas, como o caso dos assentamentos, o que não deixa de ser uma realidade e que vem crescendo em todas as direções, atualmente, aumentando em todo o mundo que vem sofrendo com as migrações.

ODS 16 – “Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e

construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis”.

Na modernidade mediada e impulsionada pela tecnologia, informação e inovação, a promoção de sociedades pacíficas está quase que impossível, até de imaginar, entretanto é uma tentativa importante e necessária em um mundo que tanto se privilegia o ter, e não, o ser. Quanto mais as políticas de inclusão e diversidade avançam, tanto em âmbito global quanto local, a busca benefícios não param, muito pelo contrário, só aumentam, o que de certa forma favorece o desenvolvimento mais equânime.

ODS 17 - “Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável”. As implementações e consequentes efetivações das políticas tem caráter transversal, por si só, revitalizam as relações, porque abrem “janelas” para um novo mundo de esperança, assim se tornando mais sustentável.

No que concerne às políticas, o planejamento mostra a importância de se prever para prover as políticas, fator determinante para a própria sustentabilidade política. Pois, são condicionantes relevantes para a obtenção de ações e/ou atividades que privilegiarão o equilíbrio político e socioambiental.

Quando o amor, a verdade, a ética e a honestidade formarem a base motriz para se promover a política, independente das mais variadas convicções e ideologias, certamente, estaremos no caminho da sustentabilidade política. Por consequência, enquanto fator estratégico a política precisa passar a ser causa capaz de favorecer o desenvolvimento

sustentável e a melhoria da qualidade de vida das gerações presente e futuras.

Sustentabilidade Social

A sustentabilidade social tem a intenção de mostrar a questão social como fonte de poder para o desenvolvimento sustentável dos contextos cotidianos, tanto de cunho pessoal, quanto social, profissional e institucional; logo, sendo indispensável para todo o redimensionamento da vida humana em sociedade e para seu constante desenvolvimento.

No que diz respeito às questões sociais todos nós somos convocados para enriquecer-se cada vez mais a partir dos novos desafios de trabalhar para (re)construir sociedades melhores para todos. O social tem essência nucleadora, é uma dimensão que favorece a evolução do ser humano em sua integralidade, porque em geral é o espaço das causas, efeitos e fatos que dão dignidade à vida humana e social.

O maior problema social é a pobreza, aliás trata-se do maior problema no mundo e precisa, como o meio ambiente, ser objeto de políticas internacionais, ou melhor, de uma verdadeira governança progressiva na direção de reduzi-la, sobretudo nos países do sul, quiçá dizimá-la.

Na atualidade, tanto em âmbito local quanto em âmbito global, a falta de confiança em ações sociais mais justas denota que o homem, de modo geral, não deseja que o seu próximo alcance o mesmo bem-estar e condição social que deseja para si mesmo, isto é um instinto cruel bem associado à política moderna do capital a todo e a qualquer custo,

justamente, uma das condições que nos torna uma sociedade insustentável.

ODS 10 – “Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles” nos possibilita ver que as políticas migratórias em todo mundo vêm avassalando a questão social e sua mínima dignidade humana. A diminuição de situações extrema de cunho social, geradoras das desigualdades e destruições, é o que mais revolta as comunidades, isto não somente no Brasil, mas também em todo mundo.

Observa-se que na dimensão social, a fome de justiça pela igualdade deve se converter na vontade comum de todos e deve passar a ser uma circunstância indispensável para se vivenciar o social com mais sutileza, dignidade e desejo pela melhoria de vida do outro, ou seja, viver o amor também no próximo, até nos fundamentado nos ensinamentos, onde nos sinaliza que estamos neste mundo para servir e não para ser servido, isso sim é uma convocação imperiosa para primarmos pelo social em sua essência.

Sob o prisma da inovação, o social precisa ser objeto de projetos sustentáveis capazes de serem efetivados em benefícios da sociedade em geral, sobretudo dos mais necessitados e não somente em forma de caridade, mas sim, como condição digna para se conseguir e, da mesma forma, se manter em atividades laborais, as quais nos propiciam a dignidade.

Pode-se observar que a sustentabilidade social se refere a um conjunto de medidas estabelecidas para a promoção do necessário equilíbrio e bem-estar da população e de suas sociedades. Tais proposições carecem de ser realizadas por meio de iniciativas que

contribuam com a desenvoltura de todos os cidadãos que enfrentam, diuturnamente, condições desfavoráveis em sua luta pela sobrevivência.

Por tudo isso, o social e o seu recrudescimento devem nortear as principais estratégias para se combater a pobreza e a desigualdade, ocasionada muitas vezes pelas pobreza espiritual, cultural e material que são as principais geradoras de todo desequilíbrio social e da miséria. Somente com a união de todos as sociedades alcançaremos a sustentabilidade social, a qual depende de ser compreendida como caminho para a busca da educação, da cultura e do trabalho, fatores que dignificam a pessoa humana e propicia o resgate do amor próprio e do verdadeiro reconhecimento social.

Sustentabilidade Econômica

A sustentabilidade econômica propicia a compreensão do quanto a economia estrategicamente planejada torna-se imprescindível para o desenvolvimento e sua continuidade. A capacidade de equalização das economias e das finanças passam a ser variáveis cruciais para se repensar o progresso e sua constante evolução.

Sabe-se que a economia é a ciência que trabalha com os processos de produção, distribuição, acumulação e consumo de todos os bens materiais. Por conseguinte, é por seu intermédio que se consegue obter as melhores informações e dados para se tomar as melhores decisões no mercado globalizado.

Sob outra dimensão, ODS 7 “assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos” evidencia que a energia é fonte de abastecimento de todos os sistemas produtivos,

todas as sociedades são dependentes, este é o motivo de se tornar a mais estratégica condição para o desenvolvimento sustentável. Inclusive, todos os estrategistas internacionais apontam a energia como a grande fonte de riqueza e fator para atingir a hegemonia global, condições que também se coadunam com o desenvolvimento sustentável e promoção da necessária responsabilidade socioambiental.

A energia agora em suas diversas fontes também precisa ser de qualidade, com tecnologia que possibilite sua melhor distribuição e manutenção e, sem dúvida, com o preço mais adequado e com melhor qualidade para cada usuário diante de suas condições econômicas.

ODS 8 “Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos”. Esta é uma conjuntura que agrega muito valor à vida em sua integralidade, principalmente por propiciar sua manutenção com dignidade.

Por isso que a economia se constitui em necessária conexão entre os setores – público, privado e terceiro setor -, para atuar no controle e regularização dos fluxos dos investimentos e compatibilidade entre os padrões de produção e consumo, assim como a transparência necessária das informações a todos os interessados.

Nessa visão, a sustentação, a inclusão e a sustentabilidade no mercado de trabalho promovem novos postos de trabalho, o que contribui para o pleno emprego e favorece uma condição digna e decente para os trabalhadores. Onde a referida promoção converte-se em fonte de seu sustento e sobretudo para a sua dignidade humana e reconhecimento social.

A economia por si só tem a sua complexidade, todavia políticas mais sólidas de curto/imediato, médio e longo prazos com ações efetivas de curto prazo, precisam de ser propostas continuamente e apresentadas em detalhes com a intenção de se tornarem transparentes e, conseqüentemente, melhores compreendidas para serem desenvolvidas mais objetivamente.

ODS 12 “Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis”. Para a obtenção desses padrões entende-se que a construção de planos e programas econômicos no mundo moderno mostram a responsabilidade das equipes econômicas para com a desenvoltura de todo sistema econômico e suas especificidades, o qual cada vez mais está dependente do sistema econômico global, extremamente orgânico e dinâmico, para se repensar continuamente o sistema econômico local que também é global.

A economia é fundamental para o empreendimento das políticas locais e globais, mas prever para se prover uma economia sustentável faz-se necessário pensar o sistema enquanto nação, sempre muito bem planejado de forma estratégica como condicionante imprescindível para o seu crescimento sustentado e sustentável.

Portanto, a sustentabilidade econômica precisa fazer com que os contextos locais, seus segmentos de mercado e realidades socioambientais possibilitem a todos compreenderem a relevância das variadas questões e que se convertam em aliadas necessárias para se alcançar cada vez mais metas individuais, sociais, profissionais e institucionais em prol da melhoria da sociedade em geral.

Sustentabilidade Ambiental

A sustentabilidade ambiental objetiva evidenciar o conceito de ambiente integral de nosso ecossistema global, onde cada ser humano é parte ativa deste sistema ambiental, condição que o torna mais responsável para lidar cuidadosamente com os ambientes locais e globais. Assim, compreendendo que “o pensar global para agir localmente” torna-se uma convocação necessária para o desenvolvimento sustentável da vida humana e do ecossistema global.

Este pensar deve ser constituído como um estado de espírito, ou seja, uma causa compromissada com um pensamento globalizante possível de reorientar continuamente a nossa maneira de pensar para se agir nesse mesmo sentido, sempre na busca de uma harmonia socioambiental.

“Se reconhecemos o valor e a fragilidade da natureza e, ao mesmo tempo, as capacidades que o Criador nos deu, isto permite-nos acabar hoje com o mito moderno do progresso material ilimitado”. Pois, o ambiental, extraordinariamente é norteador e globalizante, tem a potencialidade para empreender uma integração dimensional de maneira a formar contextos mais orgânicos, cooperativos e corresponsáveis, propiciando desenvolvimento e condição de sobrevivência para a espécie humana e o planeta.

Nessa mesma perspectiva, ODS 6 visa “assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos”, situação que se converte numa proposição necessária para o desenvolvimento humano. “A água potável e limpa constitui uma questão de primordial importância, porque é indispensável para a vida humana e

para sustentar os ecossistemas terrestres e aquáticos”, porque água é garantia de vida.

Certamente, a água é o solvente da humanidade imprescindível à vida, inclusive a mesma que se utiliza para dar bênçãos, este é o poder da água em nossas vidas, seja espiritual seja biológica e a sua garantia de sua disponibilidade torna-se um quesito vital para a humanidade e seu desenvolvimento sustentável.

ODS – Objetivo 13 - “Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos”. A necessidade de se promover ações ambientais precisam de ser antecedidas por muita reflexão sobre a essência do próprio ser humano e a sua vida no planeta. Progressivamente precisamos de criar estratégias em que nossa capacidade de antever as necessidades ambientais e socioambientais se reverta, proativamente, em ações para sua manutenção e desenvolvimento.

Por isso que a humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, especialmente para combater este aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam e tanto vem problematizando o planeta.

O combate às mudanças climáticas deve passar por um apelo maior para a diminuição do consumo ou pelo menos para um consumo mais consciente, o qual vem determinado pelo estilo de vida capitalista da população, onde o consumo desenfreado vem demandando uma produção cada vez maior, que infelizmente pouco privilegia políticas austeras para se repensar, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar (5R).

Porque o mundo do consumo exacerbado é, simultaneamente, o mundo que maltrata a vida em todas as suas formas.

ODS 14 “Conservar e usar sustentavelmente dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável”. Historicamente, o mar tem uma expressão divina e colonizadora, porém precisamos repensar um sistema de governança global que contribua para o empreendimento de políticas e ações mais responsáveis globalmente.

É nesse foco que a ONU e suas agências vêm promovendo encontros mundiais – ECO 92, RIO + 10, RIO + 20, COP’s e os Fóruns Econômicos Mundiais - com seus países membros no intuito de sensibilizá-los, progressivamente, para com suas responsabilidades e compromissos com o ambiente global, o que de fato é responsabilidade de todos. No entanto, “os princípios enunciados continuam a requerer caminhos eficazes e ágeis de realização prática”, o que está longe de ser uma realidade em todos os países do mundo, principalmente, nos países do Sul.

Para se alcançar certo padrão de vida faz-se necessário contar com ações individuais e coletivas nos variados níveis de governo, ou melhor com governanças locais e global, isto pela necessidade de cooperação para se atingir uma governança global de forma mais eficaz, eficiente e efetiva; assim, um planeta mais equilibrado e sustentável.

ODS 15 visa “Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade”. A compreensão que o mundo moderno tem sobre a terra enquanto capital e como *commodity* capaz de favorecer sua

condição política e econômica, indubitavelmente, deteriora bastante todas as formas de proteção, preservação e promoção de sua utilização sustentavelmente.

Indubitavelmente, o amor é a base para a vida e amar a vida nos proporciona empreender ações e tomar decisões que ostentem uma vida mais digna para todos. Somente com esta convicção é que poderemos colaborar para a transformação das pessoas, do seu pensar e do seu agir para que a vida dos ecossistemas terrestres, das florestas, dos desertos, que são igualmente importantes, potencialize-se a partir de suas diversidades e assim colaborar para as substanciais transformações da pessoas e dos ecossistemas locais e globais.

Portanto, ao se tratar da sustentabilidade ambiental não se deve mais pensar a natureza enquanto produto capaz de ser precificado, mas atentar para sua preservação e conservação e desenvolvimento da vida integral e dos seus ecossistemas.

Quando o ser humano compreender que ele próprio é parte ativa e proativa do ambiente global - “estamos incluídos nela, somos parte dela” - , possivelmente, passará a respeitar e tratar melhor o meio ambiente, a nossa casa comum com mais amor e gratidão pela sua incomensurável fonte de alimentação e renovação da vida. A sustentabilidade ambiental busca a promoção de uma sensibilização para conseqüente conscientização sobre o meio ambiente, em todos os níveis socioambientais, para se empreender de forma sustentável inovadora ações e atividades que colaborem para o desenvolvimento sustentável.

Sustentabilidade Cultural

A sustentabilidade cultural pretende evidenciar que a cultura é essencial para o desenvolvimento do ser humano e das sociedades, isto porque desde os primórdios da humanidade a cultura vem sendo constatada como fonte determinante para o desenvolvimento. “Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa de mudar” e essa mudança deverá acontecer através de uma nova cultura, ou seja, de uma cultura renovada preferencialmente sustentável inovadora provedora de responsabilidade com o ecossistema global.

Nesse contexto, a cultura incorpora a educação em todas as suas tipologias - formal, não forma e informal - e passa a ser um diferencial expressivo para se pensar e impulsionar o compromisso com o socioambiental de forma mais sustentável. Visto que “toda a mudança tem necessidade de motivações e de um caminho educativo” como fonte para uma nova orientação cultural capaz de favorecer a promoção da sustentabilidade e da inovação.

Sendo assim, o bem-estar na sociedade do conhecimento tem que ser para todos, em todas as faixas etárias, distintos segmentos de mercado e em seus diferentes níveis sociais, o que passa a ser uma luta intensa e incansável diante de tantas diferenças. Isto posto, vislumbra-se um “olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade” empreendedora capaz de desenvolver uma cultura que possa atender as demandas atuais de uma sociedade em constantes transformações e incertezas.

A autêntica riqueza está em vivenciar todas as manhãs como se fosse a última, mas com a certeza do amanhã, por causa das ações de hoje, serem sempre mais produtivas, agradáveis e abençoadas. Então, bendita seja a nossa capacidade de recomeçar todas as manhãs de forma diferente e melhor, esta é a essência da sustentabilidade ser humano humanizador.

Pode-se perceber que o cultural, não divergente das demais dimensões, tem a propriedade para fazer com que o núcleo – essência orientadora – se desenvolva a partir de um pensar e agir subsidiado por questões mais responsáveis e compromissadas com todos os acontecimentos na sociedade atual.

Outro considerável desafio da humanidade está em sua cultura, que não consegue compreender que a preservação de seu padrão de vida e manutenção do desenvolvimento tecnológico são condições includentes, e cruciais, para se encontrar inovadoras alternativas para proteção e decorrente recrudescimento do ambiente globalizado.

ODS 4 visa “Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”. Outro compromisso fruto dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) que ficou longe do alcance das metas propostas, aqui está como um dos mais eloquentes compromissos para com o desenvolvimento sustentável, isto por se tratar da base para a desenvoltura de qualquer sociedade, a educação.

A educação enquanto cultura e/ou a cultura enquanto educação passa a ser um passaporte para se deixar a pobreza. Talvez, a educação esteja na condição indispensável de sempre aprender sem nunca chegar

ao conhecimento da verdade, porque a educação verdadeira, inclusiva e de qualidade ainda é para poucos e a educação dos sonhos, somente se encontrará quando for de acesso livre e de qualidade para todos.

ODS 5 possibilita se “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”, o que nos dias atuais mostra a evolução do conceito e denominações sobre gênero vem se expandindo, assim como as batalhas em busca de uma maior equiparação do acesso às políticas, das atividades antes somente masculinas e salários, entre homens e mulheres, também estão se ampliando. Apesar dos homens estarem em maioria no mundo, no Brasil a predominância é feminina, embora as mulheres continuem sendo minoria no que concerne à ocupação dos cargos de direção e gerência.

Nessa ótica, “é preciso que o mundo crie logo estratégias que permitam às nações substituir seus atuais processos de crescimento, frequentemente destrutivos, pelo desenvolvimento sustentável”. Não obstante, que a liberdade humana contribua para a contenção do desenvolvimento descompromissado com o próprio ser humano e o planeta.

Dessa maneira, entende-se que “trata-se de abrir caminho a oportunidades diferentes, que não implicam frear a criatividade humana nem o seu sonho de progresso, mas orientar esta energia por novos canais”. Pois, somente com criatividade, inventividade e criticidade se conseguirá maiores reflexões para se reconstruir sociedades mais prósperas, sustentáveis e inovadoras.

A cultura compreendida como base necessária para o desenvolvimento da educação, no sentido *lato*, passa a ser fonte

inspiradora às reflexões para todas as dimensões sociais, isso por ser fonte motriz para a desenvoltura socioambiental. A sustentabilidade cultural cristã deve prever ações e a fim de prover atividades mais responsáveis e comprometidas com os mais distintos contextos culturais, mas não dissociadas do pensamento e conexão global e suas tendências.

Outrossim, acredita-se que o ODS 17 congrega todas as possibilidades para a possível exequibilidade e consequente efetividade das ações e variadas atividades, em especial, por proporcionar que todas essas situações sejam implementadas. Porquanto considerar que será por intermédio das “Parcerias e meios de implementação” que se conseguirá fortalecer paulatinamente os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Ademais, de forma semelhante à sustentabilidade, a inovação precisa ser pensada progressivamente de maneira integrativa onde a sociedade da informação se constitua na base primordial e impulsionadora de todas as atividades que evidenciam a sua constante evolução. Dessa forma, em se tratando de inovação e sustentabilidade, a “sexta onda da inovação”, a onda da sustentabilidade se mostra como potencial à promoção de ações mais sustentáveis inovadoras.

Nessa dimensão, ratifica-se que a sustentabilidade e a inovação são condicionantes imprescindíveis para integrarem quaisquer atividades humanas e socioambientais. A sustentabilidade por fazer parte de todas as políticas institucionalizadas internacionalmente passa a ser um fonte potencial para o empreendimento constante de uma inovação disruptiva, consonante com a “sexta onda da inovação” – sustentabilidade (Schumpeter,

1939; 2017), necessária para lidar com as instabilidades da sociedade do conhecimento e com a degradação socioambiental.

No concernente à inovação e aos seus marcos tecnológicos é inquestionável que sempre revolucionaram e impactam nossas formas de ser, estar e vivenciar o mundo. Schumpeter (1939), quando defendia que as grandes mudanças orientadas pela tecnologia não eram dadas por uma série de infinitas melhorias marginais sobre as técnicas já estabelecidas, sinaliza que eram resultantes da inserção de consideráveis discontinuidades na geração de iminentes inovações incrementais e sobretudo radicais. “[...] a evolução econômica é desequilibrada, descontínua, desarmoniosa por natureza, salpicada de explosões violentas e catástrofes [...] mais como uma série de explosões do que uma suave, embora incessante, transformação” (Schumpeter, 1939, p. 102).

Independente de se conhecer e ser bem divulgada há décadas, Schumpeter sempre associou todas as variáveis sociais à economia. No concernente à inovação, não sendo diferente, considera que no sentido econômico somente se completa quando há uma transação comercial envolvendo uma invenção e assim gerando riqueza (Schumpeter, 1988).

A completude e organicidade do sistema socioambiental - econômico e ambiental - pode ser percebida na supracitada citação e corrobora o quanto sempre foi e continua sendo complexa e suscetível às situações ambientais e suas necessidades para se conviver com as realidades das sociedades. A inovação pautada em táticas variadas torna-se potencial para prever e prover metas propulsoras (novas informações e conhecimentos; autodesenvolvimento; cultura de mudanças; cultura adaptativa, networking sem fronteiras; cultura avaliativa e liderança visionária) possíveis de manter a

disrupção como fator prospectivo para o desenvolvimento de competências e atender as necessidades dos mercados locais e globais.

Numa outra dimensão, é muito interessante a posição de Lévy (1999) sobre a importância de se pesquisar, pensar e refletir sobre inovação, porquanto compreender que inovar é criar algo novo, é introduzir novidades, renovar, recriar. A inovação precisa ser sempre compreendida como sinônimo de intensas mudanças e/ou melhorias de algo já existente. Embora, na contemporaneidade faz-se indispensável tentar antever o sistema e conhecer as suas especificidades, especialmente para poder propor algo inusitado e até mesmo que pareça impossível.

A cibercultura coloca o ser humano diante de um mar de conhecimento, onde é preciso escolher, selecionar e filtrar as informações, para organizá-las em grupos e comunidades onde seja possível trocar ideias, compartilhar interesses e criar uma inteligência coletiva (Lévy, 1999).

Recentemente, no Brasil Lévy nos surpreende com a seguinte proposta à reflexão: “Hoje temos a economia do conhecimento, onde o capital é representado por informação e conhecimento gerados por pesquisadores e estudantes”. Todos os participantes de uma rede geram conversas criativas que, conseqüentemente, produzem inovação, aprendizado e troca online. “Na economia do conhecimento, as comunidades estão interconectadas. A atividade do trabalhador não é somente a de gerar valor de conhecimento, mas também de dinamizar uma rede de investidores, inovadores e clientes”.

Por certo, o desafio é muito grande porque em todos os segmentos de mercado e em distintas esferas sociais as transições sempre requerem mudanças e, infelizmente, mudanças ainda não são compreendidas como

necessárias para o desenvolvimento pessoal, social, profissional e institucional. Para tanto, a proposição de novas políticas sustentáveis precisa de pessoas e sistemas mais resilientes e proativos, ou seja, sustentáveis inovadores que se baseiem na sustentabilidade como base orientadora para todas as suas estratégias e efetivação de suas atividades.

É este sistema complexo que caracteriza a sociedade contemporânea e suas instabilidades e vulnerabilidades, as quais nos remetem à necessidade de termos pessoas capazes de promover ações e/ou atividades mais sustentáveis factíveis de favorecer o empreendimento de uma cultura sustentável inovadora.

A inter-relação e interdependência dinamizadora que urge da integração da sustentabilidade e inovação se constitui em uma condição estratégica e muito consistente para se trabalhar o empreendimento de uma cultura sustentável inovadora, a qual vem se mostrando necessária para lidar com as exigências do mercado globalizado e das sociedades modernas.

Sob o olhar inventivo na modernidade, a inovação e disrupção são conceitos inseparáveis e que precisam estar integrados nas instituições, porquanto a inovação na maioria das vezes se mostrar o eixo propulsor da disrupção. A inovação pode e deve ser entendida como a implementação de novas ideias, produtos, serviços ou processos que carecem de serem melhorados continuamente, sempre visando a melhoria de sua eficácia, eficiência, efetividade, produtividade, satisfação da clientela e, ainda da sustentabilidade financeira. Pois, a inovação até pode ser incrementada por intermédio de melhorias graduais em produtos, serviços e processos já concretizados, ou de maneira disruptiva,

justamente por meio da incrementação de inovadoras tecnologias, modelos ousados de negócios (produtos e/ou serviços) capazes de contribuir para quebrar padrões estabelecidos e alterar a dinâmica de um segmento de mercado.

Nessa dimensão, compreende-se que o pensar para agir de maneira disruptiva deve estar bem alinhado com a visão sistêmica complexa do ecossistema globalizado comum dos mercados atuais. Dessa maneira favorecendo que a disrupção aconteça quando uma inovação disruptiva passa a ser introduzida em um segmento de mercado, logo rompendo consideravelmente com o modelo existente. Sendo assim, a disrupção geralmente acontece de forma muito rápida e progressiva, sempre ocasionando mudança intensa para com o funcionamento de certo segmento do mercado. É nessa direção que a disrupção se torna uma ameaça às instituições e empresas estabelecidas, muitas das vezes com certa hegemonia no setor, condições que muitas dependem de adaptações para com as novidades do mercado e sua intensa competitividade.

No concernente ao poder de inserção de novos negócios, a disrupção passa a ser uma grande oportunidade às empresas inovadoras que conseguem fazer uma objetiva identificação a fim de. Estrategicamente, se apropriar e aproveitar das mudanças no mercado. É certeza, que as instituições e empresas que detém o poder para antever essas condicionantes passam a ganhar vantagem competitiva e começam a despontar em certos segmentos de mercado.

Indubitavelmente, considera-se que existe uma força muito procedente na integração da inovação com a disrupção, em especial, por demandar fatores criativos e críticos para o sucesso de curto/imediato,

médio e longo prazo das instituições e empresas, isto porque as empresas que sempre buscam as inovações têm também um maior poder de adaptação às constantes mudanças dos mercados.

Diante dessas condições, pode-se considerar que a disrupção nas instituições e empresas refere-se à ruptura brusca de padrões, até então estabelecidos dos negócios, através da incrementação de inovações tecnológicas materializadas em novos produtos e/ou serviços. Destarte, a disrupção pode ocorrer em qualquer setor/segmento e pode ser protagonizada pelos mais variados profissionais, sobretudo os mais engajados com seus negócios e alinhados com a sua visão, missão e valores. Ainda, com a necessária sintonia com o mercado global e seus avanços tecnológicos, demandas dos consumidores, concorrência e inclusive com as novas legislações e normas dos governos, tanto local (municipal, estadual e nacional) quanto global (internacional).

Cabe sinalizar que a disrupção precisa ser cada vez mais compreendida, tanto como uma ameaça quanto uma oportunidade para o desenvolvimento sustentável das instituições e empresas. Isto porque, as instituições e empresas que se adaptarem rapidamente às mudanças poderão avançar nesse ambiente disruptivo e obter vantagens competitivas; contudo, as que não se adaptarem poderão perder espaço no mercado, mesmo sendo grandes e importantes instituições e empresas.

Portanto, acredita-se que entender a disrupção como aliada indispensável para o desenvolvimento na contemporaneidade passa a ser um imperativo. Dessa forma, com a intenção de evitar e minimizar as surpresas com as disrupções, precisam adotar estratégias fundamentadas na proatividade, fazer investimentos em pesquisa e desenvolvimento

(P&D), sempre objetivando novas tecnologias e, principalmente, empreendendo uma cultura sustentável inovadora. Certamente, com tal empreendimento acredita-se estar fortalecendo o entendimento da necessária e contínua evolução para atender às intensas mudanças e incertezas do mercado globalizado.

Liderança: Educação Sustentável Inovadora

A educação atual é um verdadeiro sistema orgânico e dinamizador com potencial capaz de empreender a cultura. Nessa lógica, mesmo diante de tanta fragilidade socioambiental a educação continua sendo fundamental para a formação humana, para o desenvolvimento das organizações, dos mercados e das sociedades.

Diante dessa complexidade sistêmica capitaneada pela integração dinamizadora da sustentabilidade e inovação precisa-se de pessoas mais profissionais que redimensionem, continuamente os seus níveis de empregabilidade e sobretudo de trabalhabilidade, e passem a exercer com mais competência a liderança necessária nas variadas esferas do mercado e da sociedade.

Nesse entendimento, acredita-se que as lideranças devem se converter em importantes aliadas à promoção e disseminação desta necessária cultura sustentável inovadora, fundamental na era da informação e que tanto precisamos mantê-la em ascendência e em constante prospecção.

Na contemporaneidade, a liderança converte-se em fator primordial para o desenvolvimento das instituições, seja pública, privada e do terceiro setor, principalmente, pelo seu potencial multiplicador da

sustentabilidade em suas dimensões – política, social, econômica, ambiental e cultural – enquanto cultura institucional disseminadora de prospecção socioambiental.

A liderança é um fator humano que precisa ser constantemente desenvolvida ao longo de nossas vidas. É crucial entender estar se tratando de uma questão de competência sustentável, ou melhor, de múltiplas habilidades valores, atitudes e ética que os proporcionarão sempre estar no protagonismo estratégico das instituições.

Por certo, são bases indispensáveis para os líderes alcançarem os seus objetivos e manterem o necessário controle sobre os seus liderados em prol da prospecção institucional responsiva às demandas dos mercados, a saber: honestidade, ética, integridade, humildade, conhecimento, disciplina, autonomia, empatia, atitude, capacidade de tomar decisão e inteligência emocional.

Os líderes são importantes por três motivos: em primeiro lugar, eles são responsáveis pela eficácia das organizações, o sucesso ou fracasso de qualquer organização. Em segundo, as adversidades que encontramos pelo caminho às vezes nos deixam sem rumo, então buscamos nos líderes um caminho, um porto seguro. E em terceiro lugar, o líder é aquele, que conhece o problema, mas não se prende ao contexto, seja ele por conta dos cenários administrativos voláteis ou fusões e aquisições ou ainda por fatores demográficos (Bennis, 1996, p. 22).

A liderança tem a força capaz de possibilitar para os liderados, seja em âmbito social e/ou profissional, a confiança, a honestidade, o conhecimento, a segurança e a positividade possível de influenciar a forma de pensar para agir, condicionantes relevantes para a disseminação

de boas ações e atividades. É esta liderança motivadora que precisa pautar e nortear a visão das instituições, sobretudo pela sua capacidade de influenciar e motivar as equipes na incansável busca pela sua missão e sempre alinhada aos seus valores.

Sob um prisma sustentável inovador, a liderança deve influenciar as pessoas de seu convívio socioambiental e profissional com a intenção de contribuir para modificar a capacidade das pessoas pensarem para agirem nas mais distintas instituições. Assim sendo, a sua concretização está na eficácia, eficiência, efetividade, engajamento e empatia (5 Es) da capacidade do líder de influenciar as pessoas internamente nas instituições, inclusive externamente, o que realmente evidencia o seu potencial sustentável inovador (Marujo, Galdino, 2022).

O dinamismo do mundo sinaliza que se precisa de novos líderes, pessoas com competências factíveis de incrementar prospectivamente novas ações estratégicas mais sustentáveis e inovadoras. Por conseguinte, a liderança torna-se um componente fundamental em qualquer esfera da vida, sobretudo, na era da informação; porque para se liderar de forma adequada faz-se necessário promover os objetivos desejados de forma ética e imparcial, mas sempre se baseando no contexto da sustentabilidade e da inovação, o qual se mostra como essencial à própria sustentabilidade em si, justamente pelo fato da liderança ser um expressivo componente indispensável às mudanças, comuns nas sociedades local e global.

Compreende-se que a continuada efetivação de novas práticas e padrões de sustentabilidade se fazem indispensáveis no mundo, em que a degradação socioambiental vem a cada dia mais nos agredindo e

fragilizando todo o ecossistema global. Para tanto, para promover tais transformações a dependência de novas lideranças tornam-se fundamentais.

Na contemporaneidade, os líderes precisam ter a sustentabilidade e a inovação como aliadas estratégicas para lidar com as demandas no menor tempo possível, principalmente para afetar o mínimo possível as ações futuras. Esses líderes precisam ser adeptos à sustentabilidade e inovação e, principalmente estarem mais acessíveis às novas ideias capazes de possibilitar que as instituições e empresas encontrem alternativas mais sustentáveis inovadoras.

Outrossim, a autonomia também é imprescindível ao líder. Parafraseando Morin (2006), “o Princípio da Auto-eco-organização: autonomia e interdependência” se coadunam bastante com toda esta proposição. Isto porque o conceito de autonomia somente será concebido da compreensão do sistema complexo, aquele sistema depende e dinamizador de energias novas para sua sobrevivência, assim captando energia do ambiente global. Para tanto, a autonomia é orgânica no ambiente local/global, assim a autonomia passa a ser uma condição ao mesmo tempo complementar e antagônica à dependência do ecossistema global.

Sem dúvida, mediante a volatilidade de informações e conhecimentos comuns no mundo que está constantes mudanças, os líderes precisam pensar e demandar estratégias para manter as gestões mais responsivas às mudanças. Somente verdadeiras lideranças encorajarão os colaboradores para enfrentarem as incertezas e também se antecipar aos variados desafios, os quais necessitam de muita

proatividade para se redimensionar e adequar às estratégias. Portanto, se desassociarmos o fator liderança da sinergia sustentabilidade e inovação, certamente, estaremos fragilizando quaisquer possibilidades de sua real implementação e do necessário desenvolvimento sustentável inovador possível de favorecer a tudo e a todos.

Ademais, na contemporaneidade a democracia para a complexidade torna-se uma defensora importante para o empreendimento constante da sociedade do conhecimento. Por conseguinte, estratégias baseadas na sustentabilidade em suas dimensões e na inovação enquanto cultura disruptiva, possivelmente, se tornarão fundamentais para lidar com as iminentes e suscetíveis demandas de mercados mais competitivos e sociedades mais instáveis.

Portanto, acredita-se que somente lideranças sustentáveis inovadoras conseguirão, em seus distintos níveis institucionais, provocar a fim de intensificar a motivação indispensável para lidar responsiva e proativamente com as adversidades desta sociedade cada vez mais sistematizada e complexa. Porque a governança carece de ser empreendida por pessoas com consideráveis potenciais de inteligência emocional (Goleman, 1995) e de liderança e, ainda, que tenham a credibilidade ético-moral e competências socioemocionais sustentáveis (Galdino, Oliveira, Marujo, 2023) capazes de favorecer a promoção da vida, tanto numa perspectiva pessoal e social quanto institucional, especialmente em sociedades consumistas que privilegiam o ter e, não o ser.

Finalmente, tem-se por certeza que o mindset sustentável inovador à liderança se converte em fator estratégico potencial para se

empreender uma educação enquanto cultura orientada pela sinergia – sustentabilidade e inovação – numa democracia para a complexidade como alternativa contemporânea capaz de favorecer o desenvolvimento de uma educação sustentável inovadora na busca de uma formação humana integral, de instituições mais aprendentes e prospectivas em prol de sociedades mais justas, mais dignas e melhores para tudo e para todos.



Conclusão

Este livro proporciona entender e ficar, demasiadamente, mais inquieto com o desenvolvimento insustentável da educação, em especial, da educação infantil em nível local e global.

A condição geográfica territorial favorece o mapeamento da suscetível condição e sua relação com distintos contextos, locais (municipais, estaduais/distritais, nacionais) e global (internacional); assim, ratificando às mazelas intrínsecas ao contexto educacional, mais assolador quando se refere à educação infantil e às crianças.

Outrossim, foi possível observar que as crianças foram, são e, infelizmente, continuam sendo “objetos de segunda categoria” para as governanças, sobretudo, pública em todas as suas esferas; pois, afinal a falta de governança é outra situação que contribui significativamente para problematizar esta questão. Assim como, a ausência do protagonismo das crianças no processo educacional, tanto na educação infantil quanto no demais níveis de ensino, mostra o quanto as ideais que norteiam os processos de gestão, ainda são essencialmente dos adultos e professores.

Nessa dimensão, deseja-se que o empreendimento de uma cultura sustentável inovadora à educação, em todos os seus níveis, converta-se em fator estratégico à educação, a qual sempre foi, continua e continuará sendo sempre o eixo propulsor para o desenvolvimento das pessoas, das organizações, dos mercados e das sociedades.

Portanto, externa-se a insatisfação com um sistema educacional insustentável, o qual precisa ser empreendido com mais amor e respeito ao ser humano e à sua necessária cidadania que lhe proporcionará a

dignidade social. Destarte, considera-se o processo de gestão sustentável educacional como condição favorável para o seu desenvolvimento, por conseguinte factível de prover maior responsabilidade socioambiental às gerações presente e futuras.

Por fim, compreende-se a educação aliada à sustentabilidade e à inovação como fonte potencial para o empreendimento de uma cultura sustentável inovadora, condicionante fundamental para a melhoria contínua da sociedade humana e do ecossistema global.



Tendências

As tendências sempre devem nos proporcionar a compreensão do quanto devemos ser e agir como empreendedores, ou seja, estar obstinado a lidar proativamente com as novidades a fim de tentar se antecipar as demandas emergentes.

Nessa direção, entende-se estar diante de problemáticas contemporâneas que se convertem em condicionantes insustentáveis e inquietadoras, as quais precisam ser compreendidas e transformadas em aliadas capazes de impulsionar o nosso desempenho enquanto ser humano socioambiental.

Por certo, a necessidade de se aprofundar no conhecimento e, sobretudo, no desenvolvimento estratégico da emergente temática - sustentabilidade - no sistema educacional (educação infantil ao ensino superior) e a importância de se investigar mais sobre os (co)protagonistas da educação infantil vai ao encontro de se empreender uma educação sustentável inovadora capaz de promover o desenvolvimento humano e do ecossistema global.

As tendências precisam ser compreendidas como variáveis determinantes à incansável busca por alternativas para lidar responsiva e proativamente com a sociedade do conhecimento e as tecnologias da informação e comunicação.

Afinal, as tendências precisam cada vez mais ser compreendidas como situações transcendentais, as quais precisarão efetivar-se mediante mapeamentos e concretizações das variadas ações estratégicas para lidar, disruptivamente, com as intensas e imprevisíveis demandas da era da

informação que vem progressivamente se redimensionando para ratificar a prospecção imensurável do mercado globalizado.

Referências



Referências

Almeida, O. A. A **Educação Infantil na História: A História na Educação Infantil.** Congresso Brasileiro de Educação Infantil- OMEP/BR/MS. Campo Grande-MS: 2002.

Amaral, J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica.** Fortaleza, 2007. Disponível em: <<http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses-1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

Ariés, P. **História social da criança e da família.** 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara: 1973.

Assis, M. T. de. **Gestão de programas de remuneração: conceitos, aplicações e reflexões: visão generalizada dos programas de aplicações.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2011.

Barbieri, U. F. **Gestão de pessoas nas organizações: o talento humano na sociedade da informação.** São Paulo: Atlas, 2014.

Bennis, W. **A formação do líder.** São Paulo: Atlas, 1996.

Bogdan; R. C.; Bikleen, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação.** Porto-Portugal: Porto Editora, 2010.

Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil.** 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

Brasil. PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Acompanhando a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável:**

subsídios iniciais do Sistema das Nações Unidas no Brasil sobre a identificação de indicadores nacionais referentes aos objetivos de desenvolvimento sustentável. Brasília: PNUD, 2015.

Catalão, V. L. **L'eau comme métaphore éco-pédagogique: une recherche-action auprès d'une école rurale au Brésil.** Thèse de doctorat, Paris, Université Paris VIII, 2002, p. 347.

Chiavenato, I. **Recursos Humanos: o capital humano das organizações.** 9. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

Corsaro, W. A. **Sociologia da Infância.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

De Cicco, F.; Fantazzini, M. Introdução à engenharia de segurança de sistemas. 3. ed. São Paulo: Fundacentro, 2004.

Demajorovic, J. **Sociedade de risco e responsabilidade socioambiental: perspectivas para a educação corporativa.** São Paulo: Senac, 2003.

Drucker, P. F. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios.** 6. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

Ethos. **Indicadores Ethos de Responsabilidade Social Empresarial.** Disponível em: <http://www.ethos.org.br/docs/conceitos_praticas/indicadores/default.asp>. Acesso em: 30 out. 2008.

FGV-IES. Fundação Getúlio Vargas. **Índice de Sustentabilidade Empresarial 2008.** Disponível em: < <http://www.bovespa.com.br/Mercado/RendaVariavel/Indices/FormConsultaQuestISE.p?IndiceISE>>. Acesso em: 15, nov, 2008.

Flick, U. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Frosini, L. H., Carvalho, A. B. M. Segurança e Saúde na Qualidade e no Meio Ambiente. **In:** CQ Qualidade, n. 38, p. 40-45, São Paulo, 1995.

Galdino, M. N. D.; Oliveira, V. M.; Marujo, M. P. **Competências Socioemocionais Sustentáveis**. Rio de Janeiro: Instituto de Ciências, Tecnologia e de Inovação Sustentável Global, 2023.

Gil, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2005.

Goleman, D. **Inteligência Emocional**. 82. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

Ibge. **Indicadores do Desenvolvimento Sustentável: Brasil – 2008/IBGE**. Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais [e] Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

Köche, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 34. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

Kotler, P. **Administração de marketing**. 2. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2009.

Kuhlmann, M. J. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, 2000.

Lévy, P. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

Lopes, J. J. M. Os bebês, as crianças pequenas e suas condições histórico-geográficas: algumas notas para debate teórico-metodológico. **Revista Educação em Foco**. Edição especial, agosto 2012. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012a. p. 151-161.

Lopes, J. J. M.; Vasconcellos, T. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. **Revista Currículo sem Fronteiras**, v. 6, n. 1, pp.103-127, Jan/Jun 2006.

Lopes, J. J. M. As crianças e seus espaços vivenciais: caminhos e possibilidades de pesquisas. **In: Itinerários Investigativos: Infâncias e Linguagens**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012. pp. 159-166

Malinowski, B. K. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Ed. Abril, 1978.

Marujo, M. P. **Gestão Sustentável: condição essencial e possível**. 3. ed. São Paulo: Perse, 2021.

Marujo, M. P. **Mindset Sustentável Inovador**. Rio de Janeiro: ICT Sustentável Global, 2023.

Marujo, M. P. **Recursos Humanos: carreira e remuneração**. 2. ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Programa Editorial Faculdade Cesgranrio, 2019.

Marujo, M. P. **Recursos Humanos:** atração e desenvolvimento. 2. ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Programa Editorial Faculdade Cesgranrio, 2019.

Marujo, M. P. **Sustentabilidade e Responsabilidade Socioambiental:** a formação em administração orientada pelas crenças. Rio de Janeiro: Podeditora, 2011.

Mckeown, R. **Manual de Educación para el Desarrollo Sostenible.** Universidad de Tennessee, Knoxville, Tennessee, 2002.

Merleau-Ponty, M. **La phénoménologie de la perception.** Paris, Galimard, 1964.

Micarello, H.; Schapper, I.; Lopes, J. J. M. **Itinerários Investigativos:** Infâncias e Linguagens. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

Moreno, Amanda Izabelle. **Administração de Cargos e Salário** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2014.

Morin, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Morin, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina; 2006.

Nosso Futuro Comum. **Relatório da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento.** Brundtland, G. H. (org.) 2. ed. Rio de Janeiro, FGV, 1991.

Onu-Wecd. Organização das Nações Unidas (World Commission on Environment Development). **Our Common Future**. New York, Oxford University Press, 1987.

Padua, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática** [livro eletrônico]. Campinas, SP: Papirus, 2018.

Prestes, Z. **Quando não é quase a mesma coisa**: traduções de lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

Sachs, I. **Estratégias de transição para o século XXI**: desenvolvimento e meio ambiente. São Paulo, Stúdio Nobel/Fundação do Desenvolvimento Administrativo, 1993.

Schumpeter, J. A. **Ciclos de negócios** (Vol. 1, pp. 161-174). Nova York: McGraw-Hill, 1939.

Schumpeter, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. SciELO-Editora UNESP, 2017.

Triviños, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Veiga, J. E. **A Emergência Socioambiental**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

Vergara, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. 3. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

Vergara, S. C.. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

Viana, C. E. S. Evolução histórica do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira. **Revista Janus**. Ano 3, n. 4. Lorena-SP, 2006.

Vigotski, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Vigotski, L. S.; Luria, A. R.; Leontiev, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/EDUSP, 1988.

Vigotski, L. S. **Quarta aula: a questão do meio na pedagogia**. Psicologia USP. São Paulo: 2010.

Yin, R. K. **Estudo de Caso, planejamento e métodos**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001.

Marcelo Pereira Marujo



Acadêmico Imortal da Academia Brasileira de Ciência da Administração (ABCA). Pós-Doutorado em Teologia: Sustentabilidade e Inovação - PUC-Rio. Pós-Doutorado em Educação – Gestão, Sustentabilidade e Responsabilidade Socioambiental – UFF. Doutor em Educação - UFRN. Mestre em Educação - UFRN. MBA em Gestão com Impactos Ambientais - UNIPLI. Especialização em Docência para Educação Profissional – FATEC-SENAC Rio. Bacharel em Administração - UFRJ. Diretor Presidente do Instituto de Ciência, Tecnologia e de Inovação Sustentável Global. Avaliador do INEP/MEC. Coordenador e Professor de Instituições de Ensino Superior no Brasil e no Exterior. Administrador registrado no CRA-RJ: 20-41031-0. Pesquisa nas áreas de Gestão, Recursos Humanos, Sustentabilidade e Inovação. Autor de vários Livros e Artigos nacionais e internacionais.



Este livro é proveniente de uma pesquisa pela vida e para a vida em sua plenitude, ou seja, empreendida na Educação por ser compreendida como a base propulsora das sociedades e sua performance evolutiva precisa ser um imperativo para nossa sobrevivência com dignidade, especialmente, em se tratando da base da Educação, da Educação Infantil.

Educação Sustentável é a sinergia potencial empreendedora da sustentabilidade em suas dimensões - política, social, econômica, ambiental e cultural - como fator estratégico a formação integral e contínua do ser humano para protagonizar o desenvolvimento progressivo do sistema educacional e socioambiental.

Nessa dimensão busca-se apresentar o protagonismo das crianças como condicionantes necessárias, embora talvez não suficientes para demandarem novas proposições mais orgânicas, dinâmicas e proativas, sempre com a finalidade de prever e prover o desenvolvimento da educação infantil de maneira mais inter-relacionada com as iminentes demandas da sociedade global.

